

REVISTA

DA

Academia Sergipana

DE

Letras

SUMARIO

- I — CRITICOS E CRITICASTROS — Carvalho Neto.
II — CIDADE NATAL — Passos Cabral.
II — MOVIMENTO EXTERNO — SENTIMENTO INTERNO — M. P.
de Oliveira Teles.
IV — O QUE DIZEM AS ESTRELAS — Passos Cabral.
V — «VENENO DOMESTICO» — Florentino Menezes.
VI — LITERATURA EM SERGIPE — Passos Cabral.
VII — RELICARIO — Exupéro Monteiro.
VIII — RECORDANDO A IMPRESSIONANTE FIGURA DE SAMUEL DE
OLIVEIRA — Moreira Guimarães.
IX — BIBLIOGRAFIA — Exupéro Monteiro.
X — LIVROS PUBLICADOS EM SERGIPE.
XI — COMO SE ESCREVE — Moreira Guimarães.
XII — ATAS DAS SESSÕES DA ACADEMIA.
XIII — OS NOMES ACADEMICOS — *Ivo do Prado* — (Do Dicio-
nario Bio-Bibliografico de Armindo Guaraná).



DIRETORIA DA ACADEMIA SERGIPANA
DE LETRAS

1931 — 1933

(Reeleita)

Presidente — CARVALHO NETO
Vice-presidente — ARTUR FORTES
Secretario Geral — FLORENTINO MENEZES
1º Secretario — ENOCH SANTIAGO
2º Secretario — PEDRO MACHADO
Tesoureiro — EPIFANIO DORIA
Bibliotecario — EPIFANIO DORIA.

CRITICOS E CRITICASTROS

CARVALHO NETO.

Nenhuma obra d'arte, para afirmação de vida superior, que transcenda á mediocridade ramerrã, passa incolume á aferição da critica.

Esta lhe dá o pêso, mostra a qualidade, virtúdes e defeitos.

O peor dos julgamentos é sempre a indifferença ; o silencio mata.

Fôra igualmente decepcionante só reunir proselitos e louvaminhas, sem lhes opôr desgabos e adversarios. Estes indicam o valor daqueles, o quilate real de sua superioridade.

Até mesmo as descomposturas valem : tráem, muitas vezes, a desolação dos invejosos.

E ainda quando rastejam pelas invectivas pessoais, retratam de preferencia a raiva encazinada do agressor, na impossibilidade de officio melhor..

Mas, de criticos a criticastros vai a differença da cultura á ignorancia.

Aqueles são simples, sinceros, com autonomia

mental definida, pensando com independência, construindo com arte, com a pena em escôpro entalhando fórmulas duradoiras, de emoção e beleza.

Estes são os devotos do pasticho, mentalidades deficientes, trepadas em mulêtas de emprestimo, parodiadores sem graça e sem estilo, ruminando o retraço de idéas alheias.

E como não afirmam uma personalidade, no desgarre de atitudes próprias, nem mesmo um espirito que se entrevêja no lusco-fusco de idéas mal esboçadas, ostentam, ao arrepio, e carnavalescamente, um penacho berrante de falsos preconceitos.

Não pensam : são reflexo de pensamentos estranhos.

Não produzem : armazenam da seára que outros trabalharam. E quando escrevem — o que muito acontece — mais se parece de enxadeo do que de pena o sulco entreaberto.

Entretanto, si o critico — mais afeito ás generalizações do que ao personalismo — procura, na obra criticada, o espirito do escritor, tenta devasar-lhe a orientação psicologica, explicando, muitas vezes, o aparentemente inexplicavel, e transige e cede e harmoniza-se, sem petulancias enfatuadas; o criticaastro, restejante e birrento, não admite esse processo : — entra logo a dogmatizar banalidades, a revolver na sua surrada cultura baú de gringo quantos lugares-comuns arrecadou, em penoso mascatear de lêtras, na feira das idéas pastichadas.

E daí a condenação do que lêem e não entendem é um sentencear abespinhado, em algaravia petulante; rombudos traços de pena em residuo de mau humor.

Ora, nenhuma afirmação melhor de valimento

escorreito demonstra um trabalho de espirito do que a apostasia do criticaastro.

Do feito, a sua admiração valeria pelo protócolo do apoio banal; a sua repulsa, ao contrario, exprime a consagração de um valor que ofusca.

E entre esta repulsa, que é uma distinção, e aquela admiração, que não passa de ouropel, ninguém de medio bom senso hesitará!

Si nos dominios da arte pura é assim, quando se tem em vista um trabalho de literatura, poesia, ou prosa, historia, ou ficção, muito mais o é quando o estudo a versar é o Direito.

Aí, então, devem redobrar as cautelas do critico, e em tal ponto que, segundo TEIXEIRA DE FREITAS, o *Alvará de 15 de Novembro de 1760* já formulara esta regra:

«Intrometer-se ninguem deve na arte que não sabe».

Fenomeno complexo mais do que outro qualquer, ligado á teia infinita de que se tece a sociologia, o Direito requer, para a sua exata compreensão, e melhor applicação, a mais solida base de conhecimentos gerais.

Sem a explicação, por exemplo, do principio darwinico na luta dos seres, como comprehendê-lo no conceito mesmo de luta, nas incomparaveis doutrinas de IHERING? E sem a percepção clara, nítida, dessas doutrinas, como filiá-lo á ordem geral dos fenomenos cosmologicos, biologicos, com HERMANN POST, ou a exprimi-lo como força especifica da sociedade, com ARDIGO? Como pode, pois, alheio a este ambiente filosofico, indispensavel e basico, arvorar-se um critico em balisador desses terrenos, sem o apoio necessario de tais disciplinas mentais, desdobradas em perspectivas

que mais se alargam quanto mais se avança no seu conhecimento?

Mesmo no circulo do direito positivo, da lei, não diminúe a dificuldade.

E' possível até que pareceis mais perigosos surpreendam o pesquisador e o obriguem a redobrar de cuidados nessa tormentosa travessia, por onde nem todos que se aventuram logram bom pôrto e salvamento.

De feito, um simples artigo de lei, que se condensa numa formula pratica, é um pensamento cristalizado, uma sintese de conhecimentos, um índice de cultura.

Criticá-lo é entendê-lo, explicá-lo, dar-lhe transparencia, luminosidade.

E a isto não se afaz quem não tem o treino de idéas, quem é mero repetidor de trechos cortados a tezoira, sanguessuga de citações não assimiladas.

Criticastro... não critico!



C i d a d e - n a t a l

PASSOS CABRAL.

Na cidade natal, o céu azul é mais claro
e as arvores mais verdes, quando á tarde as contemplo.

Sensações que revivo, emoções que comparo,
alma que eu já supunha morta, ha longo tempo.

Mas agora,
a cidade não é tão simples como outrora.

O céu azul é o mesmo céu da infancia inesquecida,
mas ha nele, a bufar, hydroplanos postais.

Quem quizer remontar na torrente da vida
verá que as aguas vão, não voltam mais.

A cidade pequena, da infancia remota,
a que vi com meus olhos infantis,

é bem maior agora ; e já se nota
que não se póde, nela, ser feliz...

Não mais cavalos, na segunda-feira,
amarrados á porta do Mercado ;
nem os tipos de rua ; e a graça alviçareira
dos moleques gritando a venda do "queimado".

Nem mais os espetáculos, os dramas
em cinco atos, no "Teatro Carlos Gomes":
o cinema baniu a énfase das damas
que curtiam, no palco, a mais negra das fomes.

Nós estamos, é certo, em época diversa.
A escuridão da sala
de projeções — bem favorece outra conversa,
em que a voz natural é quasi o que não fala.

Os romances de amor, eternos como a dôr,
não mudarão jamais, pobres sonhos de amôr!

A Cidade é bem outra, ao tempo em que vos digo
estas verdades crúas.

O amigo é cada vez menos amigo,
embora mais se abracem pelas ruas...

A cidade moderna
mostra, calçada em sêda, a curvilínea perna,

tem a bôca vermelha, os olhos fulgurantes,
fascinações, a todos os instantes.

Mas... eu prefiro a antiga, a cidade da infância,
a que ficou lá longe, na distância,

— enterrada no funebre caixão
do meu imaculado e ingénuo coração!

1932.



Movimento externo -- Sentimen- to interno

**Carta a uma inteligente menina
Sergipana**

A todo movimento corresponde um sentimento ; e reciprocamente.

Dr. Tobias Barreto.

Sunt lacrymae rerum...

Virgílio.

Volto a enfrentar a tese que me propoz. E não sei que musa virá inspirar-me, a não ser o espirito da menina. Não sei se no isolamento em que vivo imerso, a intelligencia, sem um flexo da sua encantadora psiqué, o seu espirito que me anima porventura virá iluminar-me o éstro, para bem desenvolve-la.

Comparando bem ou mal, a intelligencia que, ardendo inteiramente em chamas de inspiração, produz potente vaporização que sobe da alma em ebulição elevada, a ponto de tentar mover céos e terra, como a alavanca de Arquimedes, ali é gerada. Assim a intelligen-

cia é como a vaporização que sobe de si mesma. Em primeiro lugar, a *emoção* que agita a alma, é como o sangue que circula no organismo e precipita-se para o cérebro, escalda a alma, de onde como se estivesse em estado de vapor, induz sublimes pensamentos ou ideias ignaras.

A ciencia do escalpelo não faz parte do circulo habitual de minhas cogitações, de minhas experiencias e observações, não é assidua frequentadora do retiro onde habito com os meus pensamentos. Confesso minha ignorancia a respeito, porem, certo ou errado, é o meu modo de pensar. E' proprio dos homens a liberdade de pensar, ou de exhibir opiniões, mesmo sobre cousas alheias á sua capacidade.

Disse-me uma vez a prezada amiguinha, que não lhe interessa nem lhe apraz a tradição. Eu me permití discordar, levantando a pergunta — Por que? Será que a talentosa menina confunde a *tradição* com a *lenda*? Porem *lenda*, *cronica* e *tradição* formam trez *momentos da historia*. Esta, em conjunto é a caudalosa marcha das correntes tradicionais dos fatos; as quais, menos ou mais, não correm á actualidade com a mesma força impetuosa, pois vão até desaparecerem, ou totalmente perderem a oportunidade, dissecadas por imparcial critica posterior. Disse Garret, com verdade: «Onde a cronica se cala, a tradição não fala». Deriva da primeira á ultima isto é do *mito*, que é *princípio* ou *verdade* milenaria, adulterada ou transformada pela devastadora furia dos seculos *Tout fuit, tout passe*, canta V. Hugo: porem incomparavelmente antes dele dizia-se: «*Omnia labuntur*». O que passa, supõe o que

existe, ou já existiu. O filósofo Seneca, inditoso mestre de Néro, dizia, que o proprio momento em que falamos já vai longe (*Jam quod loquos inde est*). Porem quer isso dizer que tudo se extingue? Não. O fato subsiste, assim como persiste a *palavra*, dele mensageira. Pode revestir-se o fato de diferentes paixões, pode ser adulterado com acrescimos e brilhantes adjunções, mas a *palavra* que o representa, conforme o *sentimento das epocas*, mais contribue para ultteriores feições do mesmo.

Entretanto, que é a *positividade historica* senão o desvestimento dos fatos legendarios, cronicos ou tradicionais, ou processo de acomodação ou desacomodação dos antigos momentos e dos inumeraveis *fatos reais*, que os tempos matizaram com as flores da imaginação, á atualidade do derradeiro momento. Porquanto, ao menos em razão de circunstancias que colidem ou se chocam, por sua vez a propria historia é condicional, problematica ou provisoria. A filosofia, quaisquer que sejam os sistemas, e escolas em que se diversifica, como o direito, cujo fundamento trino, igualmente tem por base, clara ou subentendida, a trilogia — Quem somos? De onde vimos? Para onde vamos? —

D'ahi não se depreende que o *futuro* tem a atualidade do *presente*? Porquanto o que denominamos atualidade ou presente, é méro spiraculo; e nós ocupamos o meio entre dois pólos do tempo: o *passado* e o *futuro*. E se me permite a menina, afoito-me a comparar o futuro aos vaticinios de Cassandra, postos á irrisão pelos troianos incredulos.

O futuro desperta na alma a dourada illusão da esperança, saudamol-o com taça de

nectar, sem gota de assafétida; ao passo que o vaticínio daquella sacerdotiza traduzia em vozes de horror o advento das desgraças da patria, as terriveis promessas do futuro, iludindo o vêrde da esperança, sempre vestindo-se de côres indecisas, duvidosas. O futuro é uma anciosa interrogação. Cantou ainda Vitor Hugo — *Demain, l'aurore* — ; e Gonçalves Dias, naquele puro sentimento intimo, rima seu emotivo hino á aurora, nos *Timbiras*, com os seguintes endicasilabos: —

“Um quadro antigo, que já vimos todos,
Que todos *com prazer* vemos de novo”.

Tobias Barreto define a aurora a *papoula do céu*, denotando sublime elevação do sentimento, insuflado por uma cena natural, — a troca da candura das petalas, que á medida que o dia cresce, vestem-se da côr das rosas.

Entretanto, são delicias do poetar, somente isso; pois as promessas do futuro e da aurora, sempre deferindo para longe o *prometido*, tumido de duvidas, de apreensões e de incertezas, em conjunto, formam sedutores tons da poesia. Amanhã, é aurora, que nasce; isto é, o encantado sorriso do céu; o qual tambem se afigura ao homem o dilacerante rir da ironia, visto como o estado psicologico que no homem sobrevem, ora lhe afeta a alma de azul celeste, ora de indecifavel negrume.

Assim como a aurora é lucifera claridade, que a cotejamos com a ideal esplendidês do futuro, o passado é clarão mortifero das culpas humanas, que para ele vão precipites, onde

as fossilizam os seculos discursos, e as transformam em esboços dos mitos e das lendas. E' a luz emigrante, ou, talvez melhor, é como a luz emprestada do astro silencioso que acompanha o nosso planeta. Exorna-se de ligeiros rubros vincos e de roxeadas côres, que ás vezes nas almas sensiveis ferem a fonte das lagrimas. Por isso porventura é que preferem a flôr da *saudade* para simboliza-lo. Como o desfalecer do dia vencido, o passado é um nitoforo (vá o neologismo), é o portador da noite dos tempos e da ausencia da luz integral no desenvolvimento da *historia*. A luz com a qual rebrilha de instantes, se bem expressa o fenomeno, chamaremos *obvido* ou *esquecimento*. E' como os documentos escritos milenarios e corroidos no papiro, nos pergaminhos, ou mesmo nos tijolos cuneiformes da biblioteca de Nabonassar, ou nas taboas dos caracteres runicos, que a paciencia do critico remexe e o historiador obstina-se por have-los como em regressão á verdade atual da moderna civilização. Infunde a tristeza em grande numero de espiritos superiores, arrastando-os até ao misticismo; porquanto o homem é um livro vivo de saudosas lembranças e de sombrias recordações.

Fique sabendo a menina, minha pensadora amiguinha, que se existe alguma coisa *real*, vem principalmente das inspirações do passado, que, como os soluços do *fim do dia*, quero designar *explosão do sentimento da natureza*. Ocaso e aurora, noite e dia, passado e futuro, a meu ver, representam o *sentimento interno das cousas* em suas modalidades, assim como o sono e a vigilia animal e vegetal. Os grandiosos

surtos do espirito genial, que atravessam seculos, profundos e vividos, como se ainda foram concreções impendentes do cerebro do pensador, de ordinario são rumações das ideias que se evolaram dele no passado durante o silencio das longas noites. Rousseau exigia de um amigo o começado manuscripto do *Emilio*, que lh'o emprestára para ler, «para passar mais distraído as compridas noites do inverno». Provavelmente surgiram durante as noites, no passado, as mais elevadas concepções e sublimes creações das religiões, da filosofia, da arte e da politica. Toda epopéa, todo cantico do poeta, mais não é do que influxo do passado, ou hino em seu louvor.

Que é a musica?

Nasceu do ciciar da taquara ao aflato das virações e do sonoro gemer das ramas enfolhadas e da gruta á instabilidade do passar do vento. A musica, se bem me acóde á lembrança, que já houve quem a apelidasse a geometria ou algebra dos sons, sobre todas as artes exprime a harmonia do *sentimento interno* ou *emoção*. Maximé as *partituras*, grandes ou pequenas, em *lá menor* e consequente *relativo*; as quaes são tocantes e satisfazem a alma, agitando-a, emovendo-a. A poesia mesma, de quem tomou seus vãos? Não foi do cantante balbuciar dolente, mar expressivo do homem primitivo ou do ingenuo chorar titubeante da criança? O pranto do infante, pois que não sabe falar (*infans*), é desafogo do sentimento que o domina. A singela touceira do acanto, que realça á extremidade superior do capitel corintio, é nobre requinte do sentimento artistico, do *sentimento interno*, que immortalizou a raça

helenica. A virgem grega, que saudosa reproduziu com carvão o semblante do bem amado, que partia para longe, creou inconsciente a pintura. E tudo isso são ramos e esgalhes da *tradição*, terceiro momento ou *período negativo* da historia. E tudo isso que é senão a força atuante do *sentimento interno*?

A teoria do sentimento interno e do *movimento externo* de um sabio alemão, é assás transcendente, para ser condensada em diminuto plano limitado ou resumido na capacidade de uma carta. Foge a processo de demorada observação, que direi objetiva, devido ao seu carater especulativo; e assim chama a serviço as faculdades intellectuaes; ao passo que o *hakelismo*; da mesma sorte concorrendo com elas, observa, examina, estuda e conclue com segurança de convicção. Tal qual ouvimos da boca do mestre, em Recife, sintelizamo-la da maneira seguinte :—«Compõe-se o universo de *movimento externo* e de *sentimento interno*, que igualmente é *movimento*, devendo notar-se que as leis do movimento externo são familiares aos nossos conhecimentos; porém a ciencia quasi ainda ignora ou bem pouco conhece as leis que presidem ao sentimento, ou sobre o mesmo incidem. Todavia as primeiras são dependentes e harmonicas. Dos dois, — *movimento externo* e *sentimento interno*, qual é o agente? O lema é este : — «A todo movimento corresponde um sentimento; e reciprocamente a todo sentimento corresponde um movimento» — Vestigios dessa filosofia encontramos a florados nos *Pensamentos* de Blaise Pascal, o filosofo da *ansia eterna*; e até, se fôrmos muito alem, nos *Pensamentos* do inspirado

imperador filósofo Marco Aurelio. Já Horacio dizia, como a aliviar-se do sentimento: — «Se queres que eu chore, chora primeiro». — (*Si vis me flere, flete primum*); movimento de transmissão ou de contágio da volúpia do *pranto*. A desventura de outrem nos comove, ou vemos com indiferença a sua desgraça: e isso não deixa de ser correspondência do sentimento interno e do movimento externo, que se desviam ambos.

Que devemos então entender por movimento externo cuja eloquente e concreta expressão, a mais simples e primacial, é o *circulo*? São as leis da gravitação, atração e repulsão, objeto da astronomia; a primeira tem por correspondente a *Levitación*, modernamente conhecida. São as leis de afinidade e de coesão objetivo da química; são as leis de antipatia e de simpatia o dos generos e das especies. Neste caso, haverá parcimonia no assunto, sendo entretanto certo que muitos principios e varias formulas scientificas não se acham ainda explicadas em logica, a ponto de arraigarem convicções, visto como apenas as conhecemos; e vá de exemplo a electricidade e hodiernamente o *radium*. Outr'ora aceitava-se como absurdo a gravitação, ou a lei por força da qual os corpos são atraídos para corpos maiores, como a maçã para a cabeça de Newton. Porem hoje os proprios corpos neutralizam essa lei e ficam equilibrados pelas leis de atração e repulsão, sem todavia obstarem os movimentos que lhes são particulares, quer se trate de fenomenos, quer de fatos *noumenats*. Tendem e são atraídos para o exterior, por força da

lei que aprouve aos sabios nomear lei de *levitação*. São documentos dessa os navios aereos —o avião, o hidroplano, o zepelin, estupendo, confortavel, o magestoso palacio que vôa e nos encanta. Ainda assim a aplicação ou utilização da eletricidade é *movimento externo*, mas que ela é em si mesma a sua essencia, suspeito ser uma faisca do *sentimento interno*. *Sunt lacrymae rerum*.

O fenomeno, por exemplo, é fato *movimental*; mas o *noú menar* ou seja a propria alma, é *sentimento interno*, que a vasculeja, pois igualmente é movimento, é emoção. Ora *sentir* é ser intimamente abalado ou agita-se, se bem que por choques ou causas do exterior; mas como se explica essa intima revolução que denominamos *sentimento* ou emoção. A ciencia conhece as leis do *movimento externo*, ao menos em grande numero; porem como é exercitada a ação do *sentimento interno*. Essas duas alavancas movem o mundo dos sêres concientes e inconcientes.

Revela-se ao exterior a ação de um fato comovente, que fundamente impressiona; o qual, por seu turno, crea estados ou fases psicologicas, á primeira vibração. O movimento é função que, conciente ou inconcientemente, exercem sêres organizados, vegetais e inorganicos; os quais, porquanto a mais simples expressão do movimento é o giro circular, se arredondam, ás vezes se adelgaçam as linhas que constitue a sua *beleza*. As montanhas, vistas de longe, oferecem perspectivas em forma curva de arco e devido a distancia empresta-lhes o céu o azul da sua.

A fronde das arvores é quanto possível redonda, como as flores e os frutos, mesmo os que não saltam logo á vista, vão tomando a forma redonda. Tudo isso é resultado do movimento externo, mas também assegura, que tudo isso é impulso do sentimento interno, porquanto binaria é a ação de ambos: sentimento que, por assim dizer, jaz armazenado no intimo das cousas.

Nem se entenda do sentimento que a sua condição de *interno* importa o mesmo que afirmar que o sentimento não se evola ao exterior, porque é proprio do intimo da alma, que não é conformada prisioneira emparedada no esconderijo do cerebro, ou em outro recanto do interior humano, porventura enjaulada no coração, como temivel féra na gaiola do domador. O *sentimento interno* não é só peculiar ao homem, como já temos dado a perceber; mas também é como a alma das cousas. Os mesmos astros manifestam pelo que Pitagoras denominou *harmonia das esferas*, em dia, fato comprovado pela musica do navio aereo, quando passa.

A importancia do sentimento e do movimento, peculiares a todas as cousas cuja essencia ignoramos, mas percebemos apenas seus varios *efeitos* e *acidentes*, como disse, são movimentos armazenados: o que vale dizer que tal importancia é muito mais forte e positiva a cada vibração dos mesmos. Entretanto, o movimento, visto ser externo, mecanico, percebe-se em infinidade de cousas tangiveis, ou mesmo intangiveis: o ar, o calor, o frio, por exemplo. Disse que o circulo é a mais simples expressão do seu girar. Na verdade,

lancemos olhos de ver para miríadas de fatos. Notaremos que a forma circular é o tom que nos afeta. A beleza prefere-a para tornar-se mais agradável e sedutora. Nada mais atraente do que o espetáculo que oferece a beleza da donzela na mocidade em flor. O universo, v. g., fere-nos a retentiva em circumferencia. Os corpos celestes, ao menos aqueles que constituem e estão dentro no cinzento, esbranquiçado anel ou enorme círculo da Via Lactea, que nos envolve, tomam a forma globular. E convidando a exame unicamente o globo da Terra, que haverá em sua superfície continental e equorea que não se aproxime do círculo?

Como se denuncia longe no horizonte o ciclone das tempestades senão redondo, de tal forma, que os navegantes o apelidam *olho de boi*. A onda alterosa, a vaga indomita e infrene, a marêta espumejante e vagarosa, gemente e farfalhante, que beija a orla da costa em desfarçado arco de círculo, rebenta em abaúlados blocos de alva espuma, blocos às vezes arredondados que são como resumos da esferoicidade. Talvez por isso tirados da vista deles, os helenos não só os designaram por uma vez onomatopica (*aphros* espuma, farfalhar da espuma), mas também crearam o nascimento de Venus — Afrodite, deusa nascida da espuma do mar, tipo da mais alta beleza feminina. Aí está perceptível de um fato do *movimento externo* o respectivo corolario do *sentimento interno*. A agitação que espatifa na praia a vaga do mar, impressionou a alma sensível dos antigos graios a ponto de crearem uma representação divina, transcendente e de pura

estética. Nem fica aí o belo espetáculo. As mares, em refluxo, imprimem na areia da costa brava, onde tonitrúa a pancada do mar, depressões algumas vezes redondas vestígios das vagas que até ali subiram e se fracionaram, e poucos passos adiante ainda estenderam linhas longitudinais quasi imperceptiveis, que, *ni fallor*, segundo Lyell e outros geologos, são indícios da formação de montanhas. Os rios correm para o mar. Embora não o afirmemos categoricamente, indicam por seus meandros e voltas do curso um como ensaio ou tendencia para a forma circular. Por sua vez, as serranias, vistas de longe, confundem os vertices de seus angulos, depõem o nome de *serras* conforme os espanhoes as denominaram (semelhantes ás *sierras*, instrumentos para desdobrar madeira) e revestem a forma e as côres do arco-iris. Ora, as perspectivas, que enganam em sua apparencia estética, justamente enganam porque são vistas de longe, abandonam dest'arte a irregularidade dental de seus picos e culminancias pela festiva, se bem que illusoria, uniformidade. O carbone que se transfigura em diamante, o cristal tão facetado e polimorfico tomam forma que se aproxima quasi do circulo. O proprio pinheiro da Noruega e da Corsega (*pinus altissima*), que lembra piramide vegetal, na espessura dos esgalhes e dos ramos inferiores, reveste a figura conica, pois sabemos que, no ponto de vista geometrico, o cone é uma diferenciação da esféra. As folhas, ainda mesmo as mais lanceoladas, propendem para a rotundidade. Que são as flôres senão odoriferos pequenos blocos de uma côr unica, e variegados, dos

quais os especimes mais belos são as rosas de suave aroma, as dalias, os jacintos e infinidade de congeneres. Porem na flora tipo notavel, no dominio das flores, dos accidentes do movimento externo, é o gira-sol ou heliotropo (*helios* sol, *tropos* forma, figura), bela corôa vegetal de rei; é tambem assim a palmeira (*palma regia*) e outras do genero que são rainhas dos jardins e dos parques, de elegante estetica, sempre inclinada para o oriente alviçareiro, como a indicar o berço da luz e da religião, ou no enfeixe de folhas verdes, conforme a metфора de certo escritor estrangeiro, ou sol de folhas verdes, na frase de obscuro escritor regional. A inclinação a que fiz referencia parece externação do sentimento das cousas, que se desnubila ás claras, como a indicar que é o oriente a fecunda *chtheis* das crenças e das fés, emfim, das cosmogonias, das religiões do universo. Entretanto, não desprezando assim a natureza das cousas, quero produzir ainda um documento, e o verei na papoula, que se tinge de côr de rosa, a mimosa côr do virginal pudor, conforme o sol vai alcançando o zeni. Com pur o sentimento de poeta, Tobias Barreto comparava á delicada flor a vagarosa claridade rubescente da madrugada:—

—«Já começava a desbrochar, corando,
A papoula dos céus, a aurora...»—

Tenho insistido que efeitos do sentimento interno fatalmente induzem á correspondencia do movimento externo Já se admite a *vingança das cousas*, protervo sentimento armazenado no coração animal, presto a explodir ás vezes ao choque mais banal e fortuito.

Agitado por aquele, por qualquer modo, traduz-se ao exterior em intensa claridade, que bem deixa perceber-se que inspira rasgos da arte e concepções da filosofia, problemas politicos e fervorosos votos dos crentes e dos ascetas. A radiante movimentação do olhar, o rio da virgem que afora em seus roseos labios *arqueados*, e deixa ver a graciosa, esmaltada e *curva* fileira de belos dentes, devido á ação do *movimento externo*, igualmente prova ou demonstra o toque do *sentimento interno* da alma. Somente muito embora ejaculado da fogueira interior que abraza a alma não se projetará em *circulo*. Como a luz do sol, que rasgando a fotosfera derrama-se e distende-se pelo sistema planetario, cujo aquele astro é centro, o sentimento onde quer que vibra simpele sua ondulações ao exterior.

Entretanto, a *noite* que desce do céu, conforme o *dia* torna-se ociduo, e acende as lampadas etereas, parece extender-se em figura conica, grandemente alargada na base, pela *convecidade* celeste, onde brilham como custosas pedras incontaveis, centros de outros universos.

A noite envolve em parte a Terra no boje do cone de profundo negrume. Todavia, como o anel da luz que circunda o sol, a arte humana que descobriu o *fogo* (*ignis* em latim, *agni* em sanscrito) e o elevou á categoria de *deus*, soube arredondar a luz da mecha do candeeiro. Penso pois que não são as figuras planas, quadradas cubicas, poligonais, ou meramente triangulares, que constituem o tipo ideal da suprema belesa, essa transcendencia do sentimento interno, que tambem é resultado da *rotação* ou giro circular do movimento ex-

terno. A propria *Via Lactea*, esbranquiçado anel nebuloso, que rodea o nosso sistema planetario ou pequeno universo, como os demais quadros da natureza, feriu os olhos do homem das cavernas. (*)

Os quadros da natureza feriam os olhos dos homens das cavernas, mas como exprimiriam as emoções que acordavam na alma selvagem, senão por sinais e gestos *mimicos*, muitas vezes desconformes, inexpressivos e desconexos? Não existia a linguagem de flexão. O mesmo dir-se á dos periodos do falar monossilabico e aglutinante. Era preciso creal-a, pois assim daria a emoção que espontava do intimo a emoção que lhes arrancava do sensorio para o exterior as primitivas vozes humanas; as quais as gramaticas indicam em resumido elenco como particulas monossilabicas: as *interjeições* (*inter jacers* emitir, lançar do intimo). O vocabulo traduz ou condiz com os explosivos raptos sentimentais da alma. Assim a interjeição foi o caminho do *alalo* para um vocabulario incipiente ou rudimentar. Subsiste pois a interjeição como ancestral cepa da *palavra* articulada, fluente, sonora que pronunciamos, sem reconhecemos a qualidade de perfeita elocução (*verbum, logos*). Mas a interjeição somente exteriorisa emoções ou impressões abruptas ou serenas, que fazem vibrar o sentimento no arfar e pulsar do coração. Era necessario crear alguma coisa mais, que bem significasse o sentimento a ferver no interno vaso que o contem.

(*) Diz-se que o astrónomo alemão Herchell, chegou a contar 18 milhões de sóes na *Via Lactea*. Não conseguiu chegar ao numero exato.

A interjeição expressa a alegria, a dôr, a tristeza, a saudade, o valor e o medo, a admiração, o susto e varios outros estados da alma.

A *arvore* foi o bem lembrado *modelo* para a *imitação*, que por seu turno foi como a forja intellectual da formação da palavra completa e acabada, porquanto á semelhança da arvore, que consta de *raiz*, *tronco* e *fronde* como igualmente no imperio humano se verifica a triandria de *homem*, *esposa* e *filhos*, para completar o primeiro, esse ignoto *quid*, afim de tornar bem elas as noções das cousas circumdantes, tambem deveria formar-se de tres elementos que a filologia e gramatica designam pelos nomes de *rais*, *radical* ou *tema* e *desinencia*.

Mas a palavra, voz ou vocabulo, correspondencia do sentimento interno, a choque do movimento externo, parece tomar por seu turno a forma circular, redonda, na emissão, maxime nos idiomas flexionais. Em concreção, refoge á vista a mais penetrante e perspicaç a sua redondeza, pois que a palavra é uma rajada do sentimento interno, ou, por outras palavras, do espirito, o qual tambem movimento sentimental, é sopro divinal manifestado por exclamações interjectivas, a principio, *spiraculum vitae* sempre a renovar-se. Seu alvo precipuo, se assim podemos dizer, é a acustica, pois vòa para o ouvido logo que é proferida. Entretanto, se bem que intangivel, é concebivel, a sua forma em circulo, as suas ondulações, que aliás não se extinguem nas cordas auditivas. Certos proloquios proverbios e ditos vulgares, comum, dão evidente ideia. Diz o vulgo *resposta redonda* em represalia, em se tratanto de in-

junção do movimento externo que, ferindo a alma, obriga á immediata impulsão do sentimento interno. *Conta redonda*, significa integral pagamento ao credor, mesmo em grau de abatimento na divida; e em maioria são alguns monosilabos adverbiais e prepositivos *redondos*, como tambem o são os prefixos, infixos, sufixos e expletivas. *Redondos* principalmente em relação á ideia através dos mesmos são os monosilabos de afirmação e de negação, expressam protestos categoricos, irreductiveis. Que terrivel palavra é um *non*?! Não tem direito nem avesso, diz o padre Antonio Vieira; mas tambem que expressão mais nobre e consoladora do que o *sim*? O *sim* enxuga as lagrimas, acalma as tempestades e o desespero da sorte infeliz; e ainda mais: faz reverdecer a esperança. *Sim*!, profere o senhor do universo, que é suprema infinita bondade; *não*!, diz o espirito do mal, o genio infernal da torpe zombaria e precipita-se no baratro de trevas.

A propriedade do movimento externo consiste em ser *extensivo*, isto é, incida sobre as cousas *concientes* ou *inconcientes*, ou singularmente sobre qualquer; e por isso afeta o sentimento interno, cuja qualidade e condição é ser *intensiva*; a saber, a alma opressa por seu contato facilmente encontra e o particeps em outrem que chora com ela na sua desventura, ou não raro com elas se congraça nos breves fugaces instantes da felicidade. *Sim*, chora com ela. O pranto que desce em fios, não vai em linha inteiriça, como o houvera externado a emoção, porem se desfaz em perolas niten-tes e *redondas*, como a da chuva, esse chorar

das nuvens. Não descem com sordidos globulos que as enxurradas arrastam, porque o ar, interrompendo, redu-la a choviscos finissimos; os quais, ao caírem, formam da mesma sorte *redondas* gotas de agua. A forma circular é a natural constituição da gota da chuva e do orvalho.

O carbone informe transfigura-se em diamante, perdido no cascalho, que se denuncia ao garimpeiro pelo brilho e pela forma *circular*. Egualmente forma o cristal facetado e polimorfico, resumidos adereços das rochas, que tende para a forma em *circulo*. Os pinheiros, como atraz ficou dito, que rasgam os ares, assemelhando-se a piramedes vegetais, revestem na espessura dos galhos folhudos, a figura conica, pois sabemos que, sob o ponto de vista geometrica, o cone é exquesita expressão do circulo, ou antes é figura que se compõe de miriades de circulos concentricos, que vão restrigindo se na direção da altura até alcançarem o vertice, o qual é *ponto* e o ponto é menima figura circular. Tais circulos conicos são como ensaios de circulo ou diferenças circulares dos globos. As folhas, mesmo as mais lanceoladas, impendem á *rotundidade*. Que é o botão que esponenta da semente? Que são as flores senão blocos odoriferos, dos quais são admiraveis exemplos as rosas de suave aroma e rubra modesta côr, as dalias, os jacintos e varias outras?

Mas na flora dos jardins e dos parques, tipo notavel (como vimos, pois *repetita aliquando placent*) dessa representação em circulo do movimento, é a palmeira cujo soberbo tronco ou gomo roliço, como coluna arquitetural er-

guido a prumo, coroa-se com um canitar de vêrdes ramos ; e constantemente tem inclinado para o oriente a delgada haste superior que encerra tenras, franzinas, mimosas palmas e raminhos que mais tarde substituem as palmas sêcas que os ventos vão desprendendo. Dest'arte aponta seu estilo, como dedo indicador, para o oriente, berço das varias fés e das crenças da humanidade.

Tais efeitos do movimento externo conduzem fatalmente á reciprocidade do sentimento interno. Agitado pelo, sentimento interno, quer em razão da impressão que desperta grandiosa vista panoromica das cousas, ou por varias cousas singulares, manifesta-se o ultimo muitas vezes em paineis e cenas de estetica, que inspiram poetas e sabios, e os atraem ás silenciosas meditações dos filosofos e aos arrebatamentos dos crentes da religião.

A radiação do olhar humano, o rir da virgem, que aflora em seus labios *arqueados*, empurpurecidos e desvenda a fileira *curva* e graciosa de esmaltados dentes, devidos á ação do movimento externo, comprovam da mesma sorte o toque do sentimento interno que se estrávassa dos vasos da alma. E' certo que o movimento gera a *harmonia* do sentimento, como notas de subitanea emoção, que se revela por varios modos do intimo á claridade solar. Movimenta e vasculeja a alma, inspira ou infiltra ideias e altos pensamentos. O movimento é como a dinamização do universo, o sentimento é a dinamização da alma. De ambos a *statica*, a que aqui emprestamos as acepções de permanencia ou equilibrio, jaz nos efeitos. O universo tende para as alturas, a saber, o mo-

vimento ensaia alar-se ao infinito, envolvendo como os ventos de todos lados de todos os quadrantes; o segundo também influe para o exterior em evoluções. Foi pelo impulso do sentimento que a beleza converteu o piteco das brenhas quaternarias. Então desprende-se do *mutismo*, do qual o *mudo* atual é significativo documento atrativo. Ainda usamos sinais correntes naquele remotissimo outr'ora das epocas geologicas como sejam o agitar em vai e vem o dedo que aponta ou indica e ao mesmo abalar a cabeça para negar, reprovar ou traduzir a ironia e outros sentimentos; ou levemente inclinar a cabeça em prova de assentimento ou aprovação; levantar os dedos sobre os labios e o nariz para impor silencio, atenção: e quejandos sinais mimicos, que ainda não abandonaram os civilizados. Tais fatos, ainda que extranhos em apparencia, como vestigios de remoto outr'ora, são; efeitos do movimento e do primitivo sentimento hodiernamente requintado. Mas persistiam naquella indefinivel passado a fatal correspondencia do movimento externo e do sentimento interno.

Somente não ostenta a forma de circulo a luz do sol que se derrama por todo o sistema; ainda assim devo emendar-me, pois como os corpos liquidos que tomam a forma do vaso que os contem, a luz rolar parece adquirir a mesma convexidade celeste; e o sol é fotosfera, compõe-se de ardentes chamas como o corpo do astro ás vezes arde em fogo que forma inqualificaveis ebulições. Entretanto, a *noite*, que parece destende-se por todo o conexo firmamente, acendendo milhões de astros, que figuram como celestiais pedrarias fais-

cantes, de silentes sois incontaveis, provaveis centros de outros universos e sistemas de astros opacos a parte da Terra ainda não iluminada envolve-a no cone de trevas. Todavia, como é condição da diurna rotação do planeta aclarar-se mais e mais, conforme esse movimento, a arte humana, imitando, soube arredondar a luz na mecha acêsa da lampada.

Não são, portanto, as figuras triangulares que constituem o tipo de suprema beleza ideal, a qual é irradiação do sentimento interno, efeito do movimento externo. Isso leva a estabelecer que a beleza das cousas que estão sob os olhos materiais, porquanto a forma circular é a que melhor emove e afêta, é beleza *objetiva*. Como tal, ha relação com o movimento que afeiçôa, conforme o giro dele. A beleza ideal ou *subjetiva* intende com cousas divinas ou com as emoções da alma, que é uma expansão de Deus. Aquela é inteiramente *posterior*, encanta os olhos humanos, que lhe esmiuçam os contornos e variedades; mas a segunda é o proprio sentimento que de preferencia atúa na alma e depois desvenda-se ao exterior.

(*Continua*).

M. P. OLIVEIRA TELES.



O QUE DIZEM AS ESTRELAS

PASSOS CABRAL.

Como o céu, nesta noite, está cheio de estrelas!
Gosto tanto de ve-las,
tremeluzindo alem, nevorsamente, assim!
As estrelas são mundos...
São adeuses de luz, nos espaços profundos,
são pousadas de Deus, nas solidões sem fim.

Como a noite se encheu de estrelas misteriosas!
Dir-se-iam rosas
luminosas,
que se abriram, talvez, no infinito jardim,
onde as almas se encontram, silenciosas,
onde estarei contigo, e estarás junto a mim!

Si a vida, neste mundo, entre angústias imensas,
nos separou, de vez, foi porque Deus, enfim,

muito mais sábio e justo do que pensas,
quis que nos amássemos assim ;
olhando estrelas mágicas, suspensas,
como adeuses de amor, nos espaços sem fim...

Como o céu, nesta noite, está cheio de estrelas !
Somente para ve-las,
tremeluzindo, ao longe, inquietas, foi que vim,
a pensar que algum dia, silenciosas,
as nossas almas brotarão em rosas,
nas estrelas distantes, luminosas,
onde estarei contigo e estarás junto a mim...

1932.



“VENENO DOMESTICO”

FLORENTINO MENEZES.

Levado pela impressão viva e intensa que me deixou a sua ultima pagina, tracei estas linhas, sobre a novela inedita do culto Professor Magalhães Carneiro, illustre membro da Academia Sergipana de Letras.

«Veneno Domestico» é o seu titulo suggestivo e nenhum poderia ser mais adequado, nenhum representaria melhor a tragedia sentimental e oculta e, ao mesmo tempo, dolorosa, violenta e terrivel que nos pintou a pena brilhante do Professor Magalhães Carneiro, com as subtilidades de sua bela e aprimorada inteligencia.

Não representam estas linhas uma critica ao trabalho do illustre Professor sergipano, mas apenas a manifestação sincera das impressões que pude colher da tragedia em apreço, principalmente, atravez de minhas observações psicologicas e sociologicas.

Tenho verdadeiro horror á critica e nunca me senti com animo de criticar alguém, receio sempre que minha opinião seja menos verdadeira e tenha menos valor do que a do criticado, temo cometer uma injustiça, atacando a reputação intelectual dos que combatem, tão arduamente, nas lutas esplendorosas do pensamento e, além disto, penso que o critico deve estar em plano muito superior ao do criticado e eu me julgo sempre, e com toda razão, o mais ignorante e o menos culto dos Sergipanos.

Não aceite, portanto, o meu illustre colega estas linhas, como uma critica ao seu belo trabalho, mas como uma exteriorização das vibrações intensas que o seu livro deixou, na minh'alma sonhadora e triste, sofredora por si e pela dor imensa e inevitavel que vai, pouco a pouco, destruindo toda felicidade, até arrastar o ser humano á sua ultima e tragica morada.

Paulo e Luiza são os dois heroes da novela, porque as outras personagens volteiam, em torno destes dois sois que agem, como centro da pequena sociedade, onde se desenrola o drama a que neste momento me refiro.

Não é uma cena artificial, produto apenas da imaginação, como algumas destas criações absurdas que o espirito humano é tão fertil em produzir, mas, pelo contrario, uma descrição natural e sincera da vida real, de fatos que se repetem, mas que ficam desconhecidos nas suas causas ocultas, afim de que as conveniencias sociais não sejam atingidas e a «podridão universal fermente, sem perturbar a paz silenciosa-

mente...» no dizer simbolico de um grande e mavioso poeta.

Magalhães Carneiro, cujo espirito culto preoccupa-se ardentemente, com as explorações repetidas da tragedia humana, sonhador, como todos os intellectuais que almejam uma sociedade mais perfeita e mais justa, possuindo uma alma energica e forte não aceita passivamente as consequencias prejudiciais ao pleno desenvolvimento do ser humano, impostas por convenções incoerentes e organizações anti-naturais.

Como se deve fazer em um trabalho desta natureza, ele nos vem mostrando o desenrolar de um drama comum, uma fase deliciosa da existencia, passados no isolamento bucolico de uma vivenda de campo, fazendo entrever, apenas, certas incoerencias, um certo malestar, que se pode traduzir, na linguagem filosofica dos discipulos de Spencer, por uma falta de adaptação entre a organização do grupo, ou melhor, entre as convenções sociais e as condições biologicas invenciveis que dominam a natureza humana.

E o leitor vai seguindo assim, embalado naquella suave descrição de uma fase da existencia, desenrolada longe da agitação destruidora das grandes cidades, tendo por palco a vastidão imensa e serena da propria natureza.

E se ele for pobre, quem sabe! talvez até que inveje a felicidade daqueles dois seres, unidos por instantes, em uma amizade fraternal e sincera e, depois, separados, para sempre, por um destino inexoravel, no desenrolar brusco e terrivel da mais satanica das tragedias.

O leitor inteligente, ao chegar quasi á ultima pagina, naturalmente perguntará a si mesmo, como terminará aquella interessante descrição de um episodio tão comum da existencia ? !

Mas o desfecho, ele o recebe abruptamente, sobre a alma, como um raio, comovendo-o impiedosamente deixando-o sentir toda a amargura brutal da tragedia humana.

E esta passagem brusca de sofrimento á dor que nos descreve o illustre membro da «Academia Sergipana de Letras» não lhe pertence só, porque ela é de todos nós, é a propria dor universal que se vem transformando, sob as modalidades as mais variadas, como se o homem guardasse oculto no seu coração, este veneno, desde as epocas mais longinquas do seu aparecimento.

Onde existir a vida, aí está a tragedia, com o seu cortejo funebre de sofrimento, porém ela adquire uma forma toda especial, quando o homem se civiliza, tornando-se então o resultado do artificio das sociedades, esbatendo-se contra a rigidez eterna das leis naturais.

Esta forma de tragedia pode ser algumas vezes supressa, em outras modificada e todos os escritores literatos, romancistas, psicologos, filosofos e sociologos se esforçam em quebrar de vez as arestas bruscas das sociedades artificiais, transformando-as e adaptando-as, tanto quanto possivel, ás leis naturais e aos ideais mais puros e mais sublimes da felicidade humana.

O Professor Magalhães Carneiro mostrando-nos, na sua novela, o horror tragico de um destes embates das forças sociais, contra as for-

ças biológicas, trabalha por uma adaptação melhor e mais perfeita da sociedade.

Foram estas as impressões que pude colher da leitura do seu apreciado trabalho. As mesmas que nos deixam as observações da existência social, desta aventura louca, absurda, incompreendida e sem finalidade do pobre ser humano, algumas vezes orgulhoso e cruel mas sempre fraco, imprevidente e ridículo.

Marcha desvariada, carreira incontida em busca da felicidade, em que nos empenhamos desde o berço...

E a deusa mentirosa dos nossos sonhos, ora nos aparece, como um fantasma, brilha, como um sol magestoso, oculta-se, às vezes, deixando-nos ver a claridade prometedora de radiantes auroras, mas nunca se deixa atingir, como as curvas misteriosas dos horisontes, até nos precipitar, abruptamente, com o inesperado da tragedia, no abismo sombrio e tenebroso de um tumulto, onde termina tudo: a intelligencia, a coragem, o orgulho, a grandeza, a força e toda felicidade humana.

O Professor Magalhães Carneiro nos mostrou, com o brilho do seu talento de escol e a elegancia de sua frase aprimorada, uma destas cenas ocultas, mas verdadeiramente diabolicas que de vez em quando, se repetem nas sociedades.

O seu livro não é somente um trabalho literario, ele possui ainda real valor, como observação psicologia das forças vivas e contrarias, que se chocam violentamente nos agrupamentos humanos e cujas vitimas, por um acaso infeliz, são recrutadas quasi sempre entre aqueles que nenhuma responsabilidade têm dos absurdos e das incoerencias sociais.

Literatura em Sergipe

PASSOS CABRAL.

Artur Mota, em sua «Historia da Literatura Brasileira» (vol. I pag. 93), tem as seguintes palavras de especial carinho para nós, ao passar em revista as manifestações literarias de todo o Brasil: «Sergipe — a despeito de ser dos menores Estados — tem florescido nas letras, durante o segundo imperio e no regimen republicano».

Mas, por essas palavras, honrosas e lisonjeiras aos sergipanos, não se fica a saber si o historiador das letras patrias se refere á contribuição valiosa e constante que os filhos de Sergipe têm levado á literatura nacional, emigrando logo cêdo da terra natal, ou si alude a uma vida literaria porventura existente no proprio ninho de tantas inteligencias marcadas.

«Sergipe exporta talentos», disse uma vez Hermes Fontes. E ele proprio foi desses produtos

exportados, como antes haviam sido Tobias Barreto, Silvio Romero, Fausto Cardoso, como igualmente em seu tempo eram Gilberto Amado e Jackson de Figueiredo.

Entretanto, cá por dentro, *intra muros*, somente um nome se impôs ao conhecimento mais ou menos geral do país: Gumersindo Bessa, aliás divulgado por Silvio Romero, em um notavel trabalho de filosofia juridica.

Nos presentes dias, de quantos vivem esta vida remansosa de provincianos e se dedicam ás letras — talvez seja Garcia Rosa o unico nome de repercussão lá fora, na esfera propriamente literaria, isso mesmo em virtude da dedicação amical e infatigavel de Jackson.

Sergipe de hoje, porem, já reúne alguns elementos de vida intensa, que lhe permitem plenamente uma expansão intelectual, algumas manifestações puramente literarias, mesmo intra-fronteiras.

No prestante compendio «Literatura brasileira», por F. T. D., de recente publicação, encontramos, a paginas 572-573, estas palavras: «Qual é outro fenómeno típico altamente promissor? E' a descentralização de nossa literatura de hoje. O nosso seculo XIX foi um seculo de capitais. O inicio deste tambem. Depois dos movimentos de Recife, foram o Rio e S. Paulo que deram as cartas. Ainda é aí, naturalmente, que o movimento literario mais extenso se faz. Mas começa a haver uma irradiação que parece típica, ao menos da poesia nova. Para sentir bem a volta á terra que essa poesia representa, é preciso compreender como a poesia nova está nascendo de um contacto mais intimo com a terra e com o povo

da terra. O parnasianismo foi uma poesia de cidade grande. O modernismo, apesar do elemento usina, arranha-céu, jazz, influencias da cidade grande, está sendo em grande parte, aqui, uma poesia de cidade pequena... mesmo os poetas das capitais sofreram a influencia das aldeias, onde ha, mais viva, a alma da terra. Onde se fala, mais pura, a lingua da terra. E na questão da lingua brasileira, todos esses poetas novos já vêm impregnados da nova linguagem».

Até aí a citação. Parece-nos que Aracaju, nos seja dado concluir, é uma cidade pequena, mas viva, com fisionomia propria.

Aqui se lê, pensa e escreve. Temos talentos novos da força de José Maria Fontes, o deanteiro do modernismo entre nós. Outras correntes, com diversa orientação, passam deante de nossos olhos. Exupéro Monteiro cultiva o populário, a poranduba, e acaba de publicar um livro de versos em lingua popular, á maneira Catulo Cearense. Alguns moços, militando no jornalismo, debatem problemas sociais e politicos. Novas possibilidades, portanto. Perspectivas largamente abertas á inteligencia sergipense... Finalmente, uma pergunta, talvez intempestiva : — Porque não se funda um semanario de quatro paginas, formato modesto, mas consagrado unicamente á difusão das letras, ao desenvolvimento do gosto litero-artistico? Já é uma necessidade, quando sentimos todos um tédio enorme da imprensa puramente partidária.

Uma bôa leitura aos domingos, que nos leve á emoção tranquila, ao enternecimento, ao sonho, á admiração—produz nos nervos ação benéfica, renovação de vida, apaziguamento e serenidade. Somente a sã literatura é capaz desse milagre.

E estas palavras, de incitamento e esperança, aqui vão principalmente dirigidas a espiritos jovens e realizadores, como Jacinto Figueiredo, Silva Ribeiro Filho, João Daniel de Castro, que continuam a manter, radiosa e acesa, a chama sagrada da imaginação creadora, da intelligencia e do bom-gosto literario, em terras de Sergipe...

Aracaju — 1933.



R E L I C A R I O

EXUPÉRO MONTEIRO.

Gavêta do meu afeto,
Do meu passado dileto,
Das cartas do meu amor,
Dessas amadas missivas
Que á mente trazem bem vivas
Saudades, a recompôr...

É's o escriptorio das lembranças!...
Quanta saudade e esperanças
Aquela, que as bem sentiu
Nessas pétalas tão alvas,
Que dos meus olhos ressalvas,
— Talvez com pranto — imprimiu!

Essas frases veludasas,
Esse contexto de rosas,
De amor, de luz, de ilusão,
Só sabe dizer quem sente,

Só se as escreve, somente,
Com as fibras do coração!

E eu leio nas entrelinhas
Das suas cartas — já minhas —
O que ninguém sabe ler...
Escuto-lhe ainda o «segredo»
A' sombra de um arvoredor,
A' hora do amanhecer...

Recórdo aquelas paragens...
Paisagens... e as tais «paisagens»
Que hoje não posso gosar!
Banhos de luz e perfumes...
Estrelas e vagalumes
Em enxames, a tauxiar...

E as ansias d'Ela, e os seus sonhos,
Os longos dias tristonhos,
— Da magua sempre ao vaivem —
Conta-me nessas missivas...
Suas tardes pensativas
E as noites tristes também!

Tudo, tudo, dessas folhas,
Embora tu as recolhas,
Eu guardo no coração:
— Relicario de lembranças,
De saudades e esperanças,
De amor, de sonho e ilusão!

E's o meu grande tesoiro...
Por ti, nem montanhas d'oiro
E a purpura do sol-pôr!
— Gavêta do meu afeto,
Do meu passado dileto,
Das cartas do meu amor...

Aracaju — 17/5/25.



Recordando a impressionante figura de Samuel Oliveira

MOREIRA GUIMARÃES.

Quando pela manhã de 18 de agosto do inquieto e desesperado 1932 tomei dos jornais ansioso por uma bela notícia, estava o meu espirito muito longe de contemplar, caído ao chão para sempre, na sua hora derradeira, o confrade tão cheio de vida quão de talento — Samuel de Oliveira. E no momento da leitura dessa nova tristissima, já me não era permitido correr ao cemiterio para, á beira do tumulo, dizer, pessoalmente, o adeus quer da Sociedade de Geografia, quer da Sociedade Brasileira de Filosofia. A verdade é que essas duas associações lá estiveram representadas, especialmente, pelo irmão em glórias do ilustre morto, o prezado amigo Liberato Bitencourt. E se a palavra do general Liberato Bitencourt ali não se fez ouvir, ninguém deixou de lhe sentir o coração golpeado por imensa magua que nos aba-

lou a todos nós, não sómente da Sociedade Brasileira de Filosofia senão também da Sociedade de Geografia. E mais ; porque a Faculdade de Filosofia igualmente esteve presente, no cemitério São João Batista, ali se achando tão preclaro colega, professor de honra da mesma Faculdade, onde lecionára Historia da Filosofia o estimado coestadoano morto subitamente.

Não é a morte nenhum caso extraordinario. Ninguém lhe foge aos golpes certos e inevitaveis. Mas, como ponto final de uma querida existencia, impressiona e desola. Ademais, como que existe a convicção de que, com a morte, o fulgor de ontem está extinto, definitivamente... Ao menos, as lagrimas não iludem sobre a extensão da desgraça ; traduzem a revolta de nossa alma contra a impassibilidade cruel do mais cruel dos destinos.

Era Samuel de Oliveira cultor da musica e da filosofia. Esteta e sábio, sem nenhum favor.

Nasceu em Laranjeiras, cidade das mais intellectuais do pequenino-grande Sergipe, terra de Camerino, de Barroso, de Tobias, de Silvio, de Fausto, de Homero, de Gumersindo, de Baiense, de Joaquim Honorio...

Lá mesmo, em Laranjeiras, desenvolvêra de tal modo os seus talentos de esteta e de pensador, que, ao chegar ao Rio de Janeiro, já era excelente musico tocando admiravelmente requinta e piano, bem como sem demora revelava os recursos intellectuais de que dispunha para levar por diante toda a grande obra do seu mundo espiritual.

Infelizmente, não concluiu essa obra.

Entretanto quem lhe apreciou as quatro conferencias na Sociedade Brasileira de Fi-

losophia e lhe ouviu esplendidas lições de História da Filosofia na Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro, jámais alimentou alguma dúvida no tocante á superioridade daquela obra, que seria vigorosa e admiravel sistematização de muitas vistas originaes, de um fulgurante espirito, sôbre o mundo e todos os mundos, diante de cujas manifestações tanto se comprazia o matematico ou o notavel professor de macanica da saudosa Escola Militar da Praia Vermelha, notavel professor que o foi excepcionalmente brilhante, embora dentro em pequeno periodo, Samuel de Oliveira.

Deixou o magisterio, sem nenhuma saudade. Sempre continuou, todavia, á altura de provector professor, preleccionando, ora em suas conferencias, ora em seus estudos de critica literaria estampados nos jornais lá de Sergipe ou aqui da capital da Republica, ora nos seus varios trabalhos de jornalista elegante, como na cadeira de Historia da Filosofia na Faculdade de Filosofia, Faculdade da qual foi êle Vice-Diretor, sendo eu o Diretor.

Ainda se mostrava meio apaixonado por Herbert Spencer. Não seria positivista, nem muito menos comtista. Era crente na sintese energetica. E trazia na alma traços bem accentuados do misticismo cristão, porém misticismo mais catolico do que protestante. Obedecia certamente ao espirito positivo na indagação dos fenomenos. Entretanto, uma vez que estes nada mais valem do que aspectos diversos da realidade, não abria mão da ontologia. Assim, lograva construir o universo de que tanto cogitára dirigindo suas meditações assim para a fisica, como para além da fisica.

— Desconfio das grandes claridades de que tanto se fala em filosofia. Gosto da sombra que me vai no espirito...

Eram palavras que tantas vezes lhe ouvi, na palestra despretentiosa na qual, não raro, ambos confessavamos a fraqueza da ciencia, a humildade da filosofia, a imperfeição, o acanhado, os defeitos, as deficiencias do espirito humano.

E não obstante não ha quem possa negar os grandes triunfos de semelhante espirito.

Agora, imaginai, por um instante, o coração na altura do espirito—as criaturas, os povos, todas as populações do planêta agitando-se ao impulso dos melhores sentimentos, não sob o egoismo que fez a guerra e todas as guerras... Ah, que ventura!

E não pôde vê-la, nem sentí-la, muito menos gozá-la, Samuel de Oliveira ..

E quem escreve estas linhas talvez não possa gozar, sentir, ver, tamanha ventura... Mas, ha de vir, eu o creio; o progresso, ainda que muito apreciavel nos dominios da intelligencia, tambem ocorre na esfêra do sentimento. Um dia, os barbaros deixarão de existir, como já se fazem raros os verdadeiros selvagens. E, então, será feliz a sociedade humana. Por ora, é assim mesmo: desventuras, mais desventuras, ou desastres em meio de outros desastres... Do egoismo dos homens, não ha de tomar corpo nenhum nobre ou remontado ideal. Tambem, por isso mesmo, não se cancem os pregadores da ordem, da paz, da felicidade na terra.

Eis aí o que me inspira tão impressionante figura de pensador e de esteta.

Basta, no momento.

Com os vocabulos que vão ao correr da pena, ofereço, aos leitores da Revista do Club Militar o formoso discurso proferido, aos 18 de agosto, pelo talentoso marechal dr. Marques da Cunha, á beira do tumulo do saudoso Samuel de Oliveira, formoso discurso que aqui está, linhas adiante, assinalando, numa sintese bem feita, os pontos singulares da bella curva de uma existencia aiada mais bela. Realmente basta, recordando a impressionante figura de Samuel de Oliveira.

“E’ com a mais profunda emoção que me animo a proferir algumas palavras neste minuto extremo, como derradeira homenagem áquele cujos despojos a terra vai agora abrigar em seu seio amigo.

O espirito que cintilava neste corpo vigoroso, ao presente exanime, era dotado de todos os attributos inerentes ás cerebrações originaes e superiores. Filho dêsse pequenino e glorioso Estado de Sergipe, chegou a ser um verdadeiro emulo de Tobias Barreto e Sílvio Romero...

Desde os tempos de simples estudante, e depois nas diversas fases de sua carreira, como militar e notavel representante das correntes intellectuais da nossa patria, Samuel de Oliveira destacou-se entre os seus contemporaneos pela vasta e elevada cultura de que sempre deu as mais exuberantes provas. Belissima intelligencia, bellamente cultivada, memoria admiravel, muito acima da craveira comum, talento de assimilação pronta e rigorosa, espirito de generalização haurido na familiaridade com as mais transcendentes cogitações da filosofia, conhece

dor das ciencias e das letras, versado nas sutilezas do vernaculo, como um artista da palavra, oral e escrita, — eis um pálido resumo das qualidades que recomendavam o saudoso extinto á admiração sem reservas de seus inumeros colegas e amigos. E' a lembrança pungente de tantas fulgurações, ainda ontem vivazes, porém em breve lapso imersas na sombra eterna, que avassala o coração de todos elles.

Os que, sobreviventes da mesma pleiade de obreiros e propugnadores da cultura nacional, lhe acompanharam os surtos da mente operosa e fecunda, dão testemunho da atmosphera de elevado e constante prestigio que lhe circundou o nome desde os bancos academicos.

Aluno da velha e saudosa Escola Militar da Praia Vermelha, para onde mais tarde voltou como professor durante alguns anos, deixou entre os seus mestres e condiscipulos a justa nomeada de estudante e distintissimo. Da matematica ás ciencias biologicas e sociais, em todos os departamentos do saber humano, foram de uma excepcional relevancia as manifestações de sua invejavel intelligencia, em pleno desenvolvimento juvenil. Dos verdes anos deixou vestigios indeleveis, como traços de luz na esfera de sua poderosa atividade cerebral.

Com o correr do tempo a madureza da idade e da experiencia acumulada, confirmou em excesso as brilhantes promessas da mocidade. Lembram-se todos, por certo, que então cursavam as aulas da Escola Militar, das belas lições, da exposição facil e erudita, com que Samuel de Oliveira illustrava a cathedra de Mecanica daquele memoravel instituto de ensino. Era um encanto ouvi-lo, diziam todos a uma

só voz, pela clareza e precisão da linguagem, ao explanar as teorias e leis gerais do equilíbrio e do movimento.

Poucos anos, porém, permaneceu no magisterio, abandonando-o no início do ano de 1905. Expoz as suas razões para não reingressar ao corpo do professorado, na carta que escreveu ao Almirante Alexandrino de Alencar, publicada em varios órgãos da imprensa periodica.

Daí por diante a sua carreira evoluiu no quadro habitual das atividades profissionais, como oficial da arma de engenharia, cuja competencia se exteriorizou em multiplas oportunidades. Fez parte da casa militar do Dr. Nilo Peçanha, por ocasião de ocupar êste a Presidencia da Republica. Exerceu por fim o cargo de chefe de gabinete do Marechal Caetano de Faria, quando Ministro da Guerra. Galgando os diversos postos da hierarquia militar, alguns dos quais por merecimento, atingiu ao generalato para reformar-se em seguida.

Nada, porém, dessas circunstancias que assinalam a mediania das personalidades comuns, sem forte relêvo do espirito, poderia fazer da illustre vitima que a Parca impiedosa vem de fulminar, o ser de eleição, que de fato o era.

Foram, com efeito, as irradiações da intelligencia de escól, os primores de uma razão investigadora e culta, a curiosidade de um espirito nutrido de ciencia e filosofia, as produções de uma elaboração intelectual proeminente, que fizeram de Samuel de Oliveira o pensador e publicista de subido valor, que todos nós, seus colegas e amigos, bem conhe-

cegos e festejamos. Por tal motivo, a sua sobrevivência subjetiva se revestirá de cativante fascinação e exercerá o devido influxo sobre as novas gerações.

A sua memória suplantarão o olvido, inevitável partilha de tudo quanto rasteja na superfície sem horizonte das contingências meramente materiais.

Em razão do que realizou, no campo das idéias, das sementes que lançou ao solo onde amadurecem os frutos do pensamento, das obras espirituais que soube edificar, desfrutará na posteridade vida mais pura e duradoura, aquele que, como o pranteado amigo que subitamente acabamos de perder, soube tão nobre e opulentamente exercitar as extraordinárias forças intelectuais de uma organização privilegiada.

Faltou-lhe, entretanto, o tempo necessário para integralizar a obra científico-filosófica, cujo plano geral traçara com mão de mestre, por ocasião das quatro conferências que realizou sobre as concepções de Einstein. Dispunha de grande talento e abundante cabedal para completar os apreciáveis ensaios que vieram à luz da publicidade, sob forma de opúsculos e artigos, disseminados em jornais e revistas. Não se mostrou apressado, porque não transigia com as imposições das coisas imperfeitas, tal era o arcabouço moral em que se incrustara a sua luxuriante inteligência.

Nesta hora de recolhimento e tristeza, prestemos ao companheiro que tombou em plena vida, em estado de florescente saúde aparente, ativo e forte, não obstante sexagenário, o preito sentido da estima que sempre nos mereceu e da

saudade dolorosamente exacerbada por este subito trespasse. Comnosco perdurará, enquanto vivermos, a lembrança dessa fulgurante mentalidade, que acaba de se apagar como um consumido facho, após tantos dias de labor pro-ficuo e edificante.

Com a extrema sensibilidade ferida de consciencias amigas, amarguradas por esta irreparavel e inesperada perda, de ti nos separamos, compungidos, Samuel de Oliveira, reverenciando a tua memoria como um dos mais dignos representantes da intelectualidade brasileira e elevado expoente da corporação militar”.

Do saudoso e interessante pensador, êsse é o aspecto intellectual, tão bem fixado na esplendida oração de linhas anteriores. Não se acha, porém, nesse aspecto, todo o valor da criatura humana. O lado moral é tudo. Por êsse prisma, nem existem ilusões. O que é, logo se mostra.

Pois bem. Não era Samuel de Oliveira, simplesmente, o vigoroso intellectual admiravel; nele tambem vibrava, intensamente, o coração. Nele, havia o homem afetivo. E do amor afirmava êle: “O verdadeiro amor é soberanamente desinteressado”. Ainda mais; tudo, aos seus olhos, era fruto do amor, a lei suprema de que, por isso mesmo que não é devidamente obedecida, resultam as desgraças e todas as desgraças. E tinha êste belo conceito sôbre a liberdade: “Ser livre é vênser-se a si mesmo; é moralizar-se cada vez mais: é ir

cortando progressivamente os laços dos interesses pessoais, de modo a ter sempre, com a maxima beleza, a maxima liberalidade, isto é, a prática voluntaria e constante do bem, excluido todo e qualquer pensamento de recompensa". Belo e verdadeiro. Disse-o, a demais, com exatidão. Primeiro, porque nos interesses pessoais está o egoismo que se não destrói é certo, mas que precisa de ser socializado. Segundo, porque não ha prazeres que excedam aos da abnegação, do devotamento, nada valendo a recompensa como ato esperado por quem realiza uma bôa ação. Que venha com efeito a recompensa por quem recebe o beneficio, é justo e até se impõe. Não procure porém nenhuma recompensa quem efetua qualquer mercê; "a prática do bem ha de ser voluntaria e constante, excluido todo e qualquer pensamento de recompensa". É a sufocação, o esmagamento de todo o egoismo. É mais do que isso: é o desenvolvimento, melhor, o aperfeiçoamento do altruismo. Ali, a moral tem um lado negativo. Aqui, positivo.

Mas felizes as criaturas que cada vez mais aprimoram os seus bons sentimentos, todos os seus pendores altruisticos!

Parecia Samuel de Oliveira — confesso-o sinceramente — menos um aetivo que um intellectual. Ao menos, nas rodas dos homens de Inteligencia, como que se contemplava senão o espirito, deixando-se esquecido o coração do notavel sergipano. É que se fazia discreto, no tocante ás belezas morais: O que ele aí fazia, ele mesmo se esforçava por extinguir em sua memoria.

É, no entanto, que memoria prodigiosa!

Admirei quatro conferencias que ele dissera, na Sociedade de Filosofia, sem esquecer nem uma oração, nem uma palavra e até nem uma vírgula...

Mas... estava eu escrevendo... não viveu, apenas intelectualmente, Samuel de Oliveira.

E nesse particular ouvir a palavra da excelsa viuva é apreciar de perto o formoso coração do illustre sergipano. Tive a honra de escutar a dolorida voz de tão distinta senhora e pude compreender a grandeza dos afetos de quem havia instintiva revolta contra a morte, numa espécie de presentimento de que o termo derradeiro assinala ponto final aos maiores triunfos. "E' que tudo se acaba", meditava talvez Samuel de Oliveira, completando o pensamento com esta exclamação: "Que horror! .."

Esposo modelar, escreve esta quadra:

Adelita diz: "Eu quero..."
E faz então o pedido,
Que não me esqueço — assevero.
E o mundo diz: "Que marido".

E ainda cheio das melhores emoções, oferece á digna esposa esta outra quadra:

Não posso sem ti viver
Um só momento, querida;
A razão é que ao teu Ser
Está presa a minha vida.

Era evolucionista, mas antes espiritualista que materialista. Aliás fez um progresso na filosofia que lhe orientava os pensamentos. A

verdade é que um dia confessa ao vulto mais alto no seu coração, á adorada esposa : — “de todas as religiões existentes, a que segues é ainda a melhor, a mais bela e a que mais serviços tem prestado á causa da civilização”. E aí está porventura, de par com a crítica do filósofo, a conversão de um crente... Porque não importa dissesse, na mesma ocasião, á inteligente dama dos seus sonhos — “tu profundamente catolica, eu profundamente evolucionista”. No evolucionismo de Samuel não havia lugar para o Incognoscível de Herbert Spencer, mas tão sómente para o Deus do Catolicismo.

Era filósofo, acima de tudo. E dentro na sua filosofia, como que se revelava religioso, a seu modo... Mas, afinal, era religioso. Todavia, não acreditava na moral religiosa... Ao menos, faz pensar desta sorte, alimentando-me uma dúvida, a expressão : — “a moral da tua religião e a moral da minha filosofia”.

O fato é que Samuel de Oliveira evolucionista aí está com as crenças dos seus pais, crenças em que se educara no pequenino-grande Estado, no meu Sergipe que êle chamava, sorrindo, sorrindo satisfeito — “nova Grecia, onde Larangeiras é Atenas...”

Nasceu catolico. Voou para o evolucionismo. Foi realmente uma ascensão. E, evolucionista, posto que atento ao conselho de Newton sôbre os cuidados com a metafisica, jamais deixou de mergulhar o espirito no fundo do abismo. Leitor assiduo de Schopenhauer, teria de ser Samuel de Oliveira o que foi — visceralmente, metafisico. E sentia se, á vontade, quando, diante do mundo exterior, formulava estas interrogações : «que é isto? de onde vem?

para onde vai? » Também gostava de inquirir, em face do mundo interior: «que somos? de onde vimos? para onde vamos? E perdia-se, no universo de infinitas cogitações.

Nem admitia que Deus fosse mera concepção, «la grande conception» no dizer de Augusto Comte, senão a realidade mesma, a realidade em si, toda a realidade.

Decididamente, não cabe, no reduzido do presente ensaio, toda a extensão da obra e, muito menos, da vida de tão erudito brasileiro. Também aqui não se lê nenhuma crítica ou apreciação completa de Samuel de Oliveira. Senti-me fundamente emocionado em face dessa morte assim imprevista quão desoladora, e ainda hoje não posso fazer mais que simples registo de alguns pensamentos d'ele, sobretudo os mais altos, através dos quais como que me fala o excelso pensador.

Tenho, destarte, muito perto dos meus olhos, quem me parecia tão longe da sepultura. E vejo-o, ora absorto em reflexões, filosóficas, ora sorridente, feliz no lar abençoado, em que a esposa se fez a Deusa querida. Ademais, como que lhe ouço a voz de intensidade apreciável e de timbre agradável, voz, todavia, meio baixa, porém clara, muito clara. O certo é que, infelizmente, não vai tudo isso além do meu mundo interior... Samuel está deveras morto. De maneira que me sinto curvado sob a fatalidade das leis naturais, ainda que não esqueça o camarada das armas e das letras; antes lhe avivo as linhas e a mesma côr, recordando a impressionante figura de tão ilustrado compatriota.

Rio, 1933.

B I B L I O G R A F I A

«OS CEM MELHORES SONETOS BRASILEIROS». —
Alberto de Oliveira.

EXUPÉRO MONTEIRO.

Em dia da semana ontem finda, adquiri, com entusiasmo, um exemplar de «Os cem melhores sonetos brasileiros», coletanea do Sr. Alberto de Oliveira.

Pelo sugestivo do titulo e renome do autor é facil compreender-se a sofreguidão com que me atirei á leitura, confiado no senso critico, ou melhor, no gosto literario do proclamado principe da poesia no Brasil, incontestavelmente um grande poeta.

Em negocio de tal monta, só do principado da poesia, (o melhor dos principados, como já o acentuou um principe autêntico, pelo sangue e pelo cerebro — o poeta Tagore), devera decer o *veredictum*, como de fáto o fez o principe Alberto, dos seus altos coturnos

de artista e com a autoridade a que lhe dá direito o quasi mentorado de três gerações literarias.

Filigranista do verso, como ele o é, estava eu certo que, nesse tentame de joeiramento de trabalhos alheios, o autor do «Livro de Ema» apresentaria ao publico senão propriamente *os cem melhores sonetos brasileiros*, pelo menos *cem dentre os melhores sonetos brasileiros*.

Grande, porém, foi a minha decepção quando, ainda no prólogo, lhe ouvi as razões por que não contemplára poetas como Hermes Fontes e Anibal Teófilo, «autores de poemas belissimos, mas que não produziram sonetos que pudessem tornar maior sua gloria».

Ouso interrogar: — Acaso os sonetos de Castro Alves, por exemplo, apesar de formosos, tornaram máior a gloria do poeta titánico que ele foi? Ou foram os seus poemas belissimos, poemas que o fizeram amado, que lhe entreteceram de louros a fronte genial? E isto privou fosse o alto poeta, com justiça, contemplado no florilégio?

A ser tomado ao pé da letra aquele principio, ali não deviam figurar: — Gregorio de Matos, que se não celebrizou como sonetista, mas, «lingua do inferno», pelas suas sátiras venenosas, uma vez por outra destiladas em sonetos; Basilio da Gama, conhecido apenas pelo seu vasto poema — o «Uruguai»; Laurindo Rabelo, o «poeta lagartixa», e chorão, boémio incorrigivel, estimado por algumas poesias como «Adeus ao mundo», «Saudade branca», e «A minha resolução». Como estes, outros.

Si chegou a celebrizar-se o soneto de Al-

vares de Azevedo ali citado, mais do que a ele deve o poeta a gloria aos delicados e sentidos versos de «Si eu morresse amanhã» e tantos e tantos daquele menino genial. Porque, decididamente, o caso deles não é o mesmo do obscuro Tenreiro Aranha, ou do delicado Alceu Wamosy, celebrizados com um unico soneto. Nem ainda o de Claudio Manoel da Costa, Luiz Delfino e Luiz Guimarães, por exemplo, que sempre tiveram em maxima estima esta fórma literaria.

Permita, assim, o principe da nossa poesia, que um obscurissimo plamitivo ouse divergir do conceito referente a Hermes Fontes, de grande infelicidade, para não classificar de grave injustiça. Mas analisemos o livro.

*
* *

Para que o trabalho correspondesse verdadeiramente ao batismo, crê o autor, e com razão, que o melhor processo, o mais conveniente, (talvez o unico), seria «restringir o numero de autores e aumentar o de transcrições», «ceifando mais onde a seara parecesse mais rica ou pudesse dar melhores feixes». Seja: Não a busca do maior numero possivel de poetas, mas a dos melhores sonetos, mesmo que um só autor fôsse contemplado com muitas e muitas citações De acôrdo.

Só por este método poderia, quando muito, receber o livro o tal batismo, que, mesmo assim, seria ainda incongruente, tratando-se de uma fórma poética que ainda encontra belos cultores.

Ao vilancete, á balada, ao rondó, ao acros-

tico, já atiraram os poetas, ao que penso, a última pá de cal. Mas ao soneto, não. Ainda existem *teimosos* que o cultivam e *heroes* que o leem e cultuam.

Titulo assim, a modo de sentença de última instancia, ficaria bem a uma literatura morta ou a formas literarias caducas.

Por isso fez-se ele—o titulo—um entrave á fidelidade do trabalho, composto de bons sonetos, façamos justiça, mas a respeito de cuja superioridade mantemo-nos em reserva. Não pelo principio da divergencia de gôsto do antologista e do leitor, mas porque é muito cêdo para esse julgado.

Apezar de toda a sua sugestão, prejudicam-no aquele determinativo (Os) com o comparativo de superioridade (melhores), que ali cheiram a epitafio de gente rica.

Que D. Carolina Michaelis de Vasconcélos, escreva coisa semelhante sobre o seu Portugal, vá. Mas nós não.

Deixemos, porém, em paz, o titulo, qual dístico brilhante de uma obra falha por principio, e continuemos nossa análise, como si o livro se intitulasse: Cem dos melhores sonetos brasileiros.

*
* *

Achando o autor «que o criterio de seleção não devia precindir do elemento historico», voltou-se para este, no que não andaria mal si não fôra o largo acolhimento que deu a velhos poetas sem relevo, ou quando o tiveram, nunca no soneto. Alguns mesmo, ali não deviam figurar. Absolve-o neste passo, pela

sinceridade dos seus propositos, o seu pendor pelo antigo, pelo arcádico.

Mas lucraria o livro em levêsa e interesse, e lucraria o principio historico em que se baseia, si em vez de 2 sonetos de Gregorio de Matos, 3 de Claudio Manuel da Costa, 2 de José Basilio da Gama, por exemplo, cada um destes poetas fosse contemplado com uma unica produção, abrindo-se espaço para a hospedagem necessaria de Guimarães Passos, Francisca Julia, Teófilo Dias, Alfonsus Guimaraens, Anibal Teófilo e talvez mesmo a de Pedro II e Mucio Teixeira... Uma unica produção bastaria, de cada.

Si o soneto só na fâse parnasiana chegou á perfeição, perfeição que culminou em Bilac, justo é que, afim de não ser desdenhado o elemento historico, apenas figurem de anteriores fâses sonetos representativos. que pela sua perfeição, sentimento, beleza, ou popularidade, mereçam computo. Pois que o livro, eu o sei, não se propõe fazer a historia do soneto em toda a sua evolução entre nós, nem ser uma coletanea a molde do trabalho ha tempos publicado pelo Sr. Laudelino Freire.

Que figurem, pois, como o fez o autor, com maior numero, os grandes sonetistas como Bilac, Raimundo, Delfino e Artur Azevedo, mas que tambem não sejam esquecidos cultores mais proximos como Anibal Teófilo, Amadeu Amaral e Hermes Fontes, tão grandes poetas em poemas como em sonetos.

Raimundo e Bilac, por exemplo, principes inconsussos desse genero poético, com a hospedagem régea que lhes deu o autor, (14 sonetos de um e 15 do outro), roubaram por isso

lugar a mais largo trato e melhor conhecimento de Raul de Leoni, Cruz e Souza, Moacir de Almeida e B. Lopes, contemplados com uma unica produção.

Gonçalves Crêspo, regular poeta e máu patriota, tem ali larga hospedagem. Fôsse restringido o espaço que ocupa o autor de «Minia-turas», para que tambem pudesse figurar no florilégio o desventurado Hermes Fontes, muito maior poeta e muito mais brasileiro.

*
* *

Adverte o autor que hão de notar os leitores não haver sido contemplado, no trabalho, entre outros, Casimiro de Abreu. Ora! Como num florilégio, limitado a sonetos, poderia ser lembrado um poeta que nunca os escreveu, ao que me conste?

Seriam os leitores de «Os cem melhores sonetos brasileiros», tão ineptos, que chegassem a ter tal exigencia? Não o creio, porque não a terão quanto a Fagundes Varela e Junqueira Freire, que só exepcionalmente os cultivaram.

Quanto a Gonçalves Dias, os inumeros cultores do seu nome tambem não deverão exigir seja o seu poeta ali contemplado, desde que o unico soneto que deixou está a quem da fluencia e beleza do cantor de «Y—Juca—Pyrama», «Ainda uma vez adeus», «Si se morre de amor» e tantas outras joias, que lhe dão direito ao merecido destaque que gosa entre os nossos maximos poetas.

E por isso o illustre antologista não deveria ir desentranha-lo da vasta obra do poeta

esse unico espécimen, quando teve por escôpo buscar onde houvesse mais e melhor.

E' verdade que, com justiça digna de aplausos, lembrou o unico exemplar conhecido de Tobias Barreto, o titan do pensamento e lirico delicado, que naqueles quatorze versos vassara a alma, ansiosa do desconhecido, sempre prêsa da duvida e propensa aos problemas do Além.

Embora autores, cada um, de um unico soneto, o caso destes dois poetas não é o mesmo como á primeira vista poderá parecer. E o Sr. Alberto, esquecendo o de Gonçalves Dias e lembrando o de Tobias, serviu a ambos os autores.

*
* *

Não entro em apreciações sobre a felicidade da escolha dos sonetos com que representou os diversos poetas ali contemplados, pois aí vai a diversidade do gosto do leitor para o do antologista.

Seria inépcia tenta-lo, não só pela deficiência do meu mérito, como porque isso é questão de gosto e... gosto não se discute.

Acredito, com algum constrangimento, que ali estejam, dos autores contemplados, o que de melhor hajam escrito.

Mas fôsse eu, ou outro, o antologista, em alguns autores certos sonetos seriam substituidos. Não resta duvida.

De Bilac, Augusto dos Anjos, Raul de Leoni, teriam sido apresentados os melhores sonetos ?

Não me conformo, apesar disso, é que

um poeta como Emilo de Menezes, mestre no soneto, ali se veja representado com um unico exemplar, quando o antologista diz que procurou mais onde havia mais e melhor. Um unico exemplar, disse, porque os dois outros sonetos transcritos são versos de satira, sonetos pessoais, que seriam ótimo elemento para um estudo sobre o humorista e satirico terrível que ele foi, mas jamais deveriam ser contemplados entre «os cem melhores sonetos Brasileiros» quando em campo bem diverso Emilo oferece senão farta, pelo menos bõa messe. Apesar de frios, traindo, si o quiserem, artificio e rebuscamento, e mesmo o interesse indisfarçavel das rimas raras, valeriam ser contemplados ali alguns dos sonetos liricos ou descriptivos, que Emilo os tem perfectos.

Si noutros casos não o foi, pelo menos neste o autor foi infeliz na escolha.

*
* *

Mas voltemos a Hermes Fontes. Que outros façam a defêsa dos seus poetas predilectos, injustamente esquecidos. Limitar-me-ei á do meu querido Hermes Fontes.

Perdô-me, o Sr. Alberto de Oliveira, que ouse discordar da sua afirmativa de que o autor de «A Lampada Velada» ali não figura porque seus sonetos nada acrescentam á sua gloria. Perdoi-me, sim, pois ainda mais do que a minha discordancia ouse lhe dizer que é falsa tal afirmativa. Falsa por todos os motivos. Falsa porque Hermes Fontes foi um poeta integral. Falsa porque uma sensibilidade como a de Hermes Fontes seria capaz de to-

das as filigranas do pensamento, encaixadas na miniatura de um soneto. Falsa porque só o desconhecimento da sua obra, perdoaria tal injustiça.

Hermes Fontes, por todos os principios, não podia deixar de figurar na coletanea: — pelo principio historico em que se baseou o autor; por haver sido, efetivamente, ottimo sonetista; por haverem sonetos seus alcançado verdadeira popularidade.

Pelo principio historico, porque já hoje é crime legar-se ao esquecimento o nome de Hermes Fontes em se tratando de poesia no Brasil; por haver sido ótimo sonetista, como o atestam os inumeraveis sonetos que escreveu, inconfundiveis pela forma, pelo pensamento, pela sutileza, pela perfeição; pelo principio de popularidade, porque raros no Brasil hão alcançado a de «Solenemente», «Flor de Chama», «Variação», «Lenda Humana»...

Não será ainda o bastante?

Na sua obra publicada, deixou Hermes Fontes para mais, talvez, de 250 sonetos! E seria concebivel que não pudesse ser em tão farta mèsse encontrado um unico exemplar que representasse na coletanea o mais profundo poeta dos ultimos vinte e cinco anos, no Brasil? Pensamento, filosofia, lirismo e até humorismo, poderia o sr. Alberto encontrar, si com olhos de ver procurasse... De mim, encontro apenas o empecilho da escolha em seara tão farta e variada, onde quasi tudo é bom. Isto em mim, pobre diabo de inteligencia embotada. Mas certamente o senso do principe dos nossos poetas não encontraria dificuldade em discernir qual o melhor, e estou certo que qualquer especimen

apresentado não ficaria mal entre os no florilegio computados. Para isso porem precisaria, antes de tudo, bôa vontade e esta parece haver faltado ao Sr. Alberto de Oliveira.

*
* *

Sem a pretensão do tornar-me guia, peço ao ilustre poeta a gentileza de acompanhar-me na leitura do seguinte soneto, que não ficaria mal, ao que me parece, ao lado dos melhores sonetos liricos de Raimundo e de Bilac, Luiz Delfino e Guimarães :

PARA EU SER FELIZ...

... achar numa colina uma ilustre vivenda
bucolica e feudal, heroica e pastoril...
Ter cigarras no parque, ovelhas na fazenda,
e, em casa, alguém que eu sei distinguir entre mil...

No alto, um céu brando ; em torno um prestigio de
[lenda...

E, quando o alguém que eu sei, chegar ao peitoril,
Ver, á direita o Mar longínquo, que se extenda
sem raia, e, á esquerda, o bosque exubere e viril.

A' noite, luar-crecente, arrulharmos ao piano,
invocando Chopin e Beethoven — os dois
Dignitarios geniais do Coração-humano...

E, ouvindo-os, entreouvir o mugido dos bois,
o sussurro da selva... a tristeza do Oceano...
e adormecer... sonhar... sem despertar depois...

(Pobre e infeliz Hermes Fontes!)

Não lhe tocaram, acaso, tais versos a sensibilidade? E o que é poesia? É uma mumia empalhada, ou um fremito de vida, feito sensibilidade e estilizada em verso?

Deseja, porém, uma pagina de escultura?

Sejam estes versos escritos aos 17 anos:

Flor de neve—a camelia, em geral, é tão clara que lembra um seio, carne em flor, estuante e nua... Vendo-a a certa distancia, um de nós a julgara a cristalização de algum beijo da Lua!

É uma flor de escultura... E, porque é linda e rara, em linda e rara ser consiste a gloria sua. Tem mais vida talvez o marmore em Carrara, tem mais vida, por certo, uma alga que flutua...

Mas, logo que o corpete o Sol lhe desaperta, descortina-se-lhe a alma — a alma inocente e franca, entre o calice verde e a alva corola inserta...

E, si, em não ter perfume, emoções não arranca, apraz vê-la pompear ingenuamente aberta, branca, tão branca quanto é possível ser branca...

Não basta?

Ha no seu busto a imagem de uma taça: bebo-a nos olhos... Ela me inebria. Bebo-lhe todo o pouco de alegria que, por minha Arte Dolorosa, passa.

Bebo-a. E não vê a minha Fantasia que ela não tem nem simples agua escassa

para o drama infeliz que me desgraça,
para a magua interior que me agonía!

Bebo-a... e aumenta-me a sêde, crece-me a ansia...
Meus olhos se enchem de esplendor sereno
e eu agonizo á mingua... na abundancia!

Taça humana! Cristal sonoro e puro!
meu desejo é morrer do teu veneno
que adivinho... que temo... que procuro...

Por fim, estes versos meio humorísticos :

O Sací-Pererê é um molecote,
Filho do Diabo, ou simples enteado
Mas, enteado ou filho, é endiabrado
De entornar caldos e quebrar o pote.

Alfinete que cai pelo decote,
Chaves que somem pelo cadeádo,
Furo na bolsa... Perda... Onde o culpado?
Ora, o culpado! É claro, é o molecote...

Diabinha, por quem perco toda a calma,
Chave da fechadura da minha alma,
Aguilha com que cõso os meus desfolhos!

Perdi no escuro, ha dias meu juízo.
E o culpado (eu já estou de sobreaviso)
É o Sací-Pererê que ha nos teus olhos...

E com estes poderia citar em sua totalidade os sonetos de «Microcosmo» e muitos e muitos mais, como «Mãe», «Cigarra», «Canário», «Visão de Sempre», de «Apoteóses»; «Luar», «Mestre Silencio», «Flor de Chama», de

«Genese»; «Trio», «S. Frederico», «Buena Dicha», «Casta Volupia» de «Miragem do Deserto»; «Luz e sombra», «Falsidade», «Vela ao Longe», «Labirinto», de «A Lampada Velada», por exemplo.

*
* *

Longe de mim a veleidade de julgar-me crítico literario. Valham as linhas que aí ficam, apenas como um protesto á injustiça que o principe dos nossos poetas acaba de fazer, com essa publicação, ao maximo poeta deste quartel de seculo no Brasil.

Isolado ou não o meu protesto, sinto-me bem com a consciencia, pelo dever cumprido.

2—10—32.



Livros publicados em Sergipe

(1 9 3 2)

Não são fartos e primorosos, em Sergipe, os meios de divulgação impressa, ainda que estejamos em franco progresso, a esse respeito. O livro aqui publicado raramente logra aceitação compensadora. Entretanto, é digno de registo o auspicioso fato de, no decurso do ano proximo passado, terem surgido, em Aracaju, nada menos que seis livros de versos, de autores sergipanos. São, por ordem cronologica, os seguintes: "Espelho Interior", de Passos Cabral; "Canções", de Luciano Lacerda; "Abrir de asas", de Humberto Araujo; "Poemas", de Freire Ribeiro, «Musa Matuta», de Exupéro Monteiro e "Minutos de sonho", de João Daniel de Castro. Seria interessante e util que se travasse um debate em torno dessas manifestações literarias de nossa terra, e uma critica militante se creasse entre nós—critica integral que estudasse as produções sob todos os aspectos, lhes investigasse a substancia e a forma, apontando qualidades e registando defeitos. Já é tempo de Aracajú se tornar um centro de cultura inte-

lectual, com vida própria, realizando mesmo um salutar intercambio com outros núcleos culturais do Brasil. Enquanto não chega essa hora alvica-reira, levemos os nossos parabens muito sinceros a esses jovens cultores da literatura, que nos estão ministrando uma lição de ânimo, confiança, personalidade. E façamos votos igualmente para que outros moços de autentico valor — como José Maria Fontes, Silva Ribeiro Filho, Clodoaldo de Alencar e Jacinto Figueiredo — sigam esse belo exemplo e nos concedam a leitura em livro de seus trabalhos de inteligencia, até agora inéditos, ou esparsos nas folhas diarias.

Desejariamos, no entanto, que houvesse maior variedade nas produções literarias, até agora quasi todas no dominio do verso, metrificado a rigor. Outros generos ha que aí estão á espera de cultivadores habéis e apaixonados: o romance, a novela, o conto, o ensaio, as tradições populares, a historia, a critica, o teatro, a eloquencia. Esperemos confiantes.

Entre as apreciações em torno do livro de Passos Cabral, apraz-nos transcrever a seguinte, de Silva Ribeiro Filho, publicada no jornal "A Republica", de 6 de Março de 1932, onde se notam a segurança e a finura de um verdadeiro senso critico :

O POETA DE "ESPELHO INTERIOR"

«Quando a obra poetica de Passos Cabral houver transposto as fronteiras de Sergipe, é

preciso que sobre ela se manifestem os mestres da nossa critica literaria, tais como, entre outros, João Ribeiro, Grieco e Tristão de Ataíde. Só depois dessa dura prova poderemos admira-lo oficialmente. Só depois desse pomposo batismo ser-nos-á permitido proclama-lo um grande poeta. E' verdade que os suaves acordes de sua lira vão sendo ouvidos, através de revistas e jornais, em varios pontos do país; todavia, para um julgamento definitivo, parece-nos indispensavel que o seu nome apareça, nas livrarias do Rio e da Paulicéa, em elegantes brochuras. Em brochuras que encham as vistas dos circunspectos academicos e, sobretudo, não atentem contra o senso estetico das moçoilas romanticas, pois que morrem sem alegria e sem gloria os poetas que não tenham sabido enlevar e prender os instaveis corações femininos...

Se não nos anima, entretanto, a intenção de, em torno do seu livro recentemente publicado, escrever uma pagina de critica, se não queremos tentar essa cousa difficil — que é julgar, não vemos por que esperar a palavra de ordem da Metropole.

Ao traçarmos estas despretenciosas linhas, outra cousa não desejamos senão fazer sentir ao jovem poeta conterraneo que é tal o poder da Arte que nem só aos artistas é concedida a graça do extase e do arrebatamento em face das suas maravilhas.

A poesia, como a musica, é por todos entendida porque fala á sensibilidade antes de falar á intelligencia. E nos atrevêramos mesmo a asseverar que, para bem entende-la, é mister ter-se uma alma simples, uma alma capaz de absorver se

em ingenuas cogitações e de ver em tudo — como a alma das creanças, um motivo de beleza.

Esta a razão, se não nos enganamos, por que não alcançam, facilmente, as glórias da popularidade os poetas que têm a preocupação das rimas esdrúxulas, a voluptia — não das palavras belas, mas das palavras difíceis. Passos Cabral será compreendido e admirado por quantos o leiam, por isso que o não persegue a estulta vaidade de escrever, apenas, para os espiritos mais refinados, as inteligencias mais sutis.

Se, algumas vezes, chega a nos lembrar Antero, o extraordinario, o inconfundivel poeta-filósofo, outras, se nos apresenta ingenuamente lirico, versejando com a espontaneidade de um trovador sertanejo. «Espelho Interior» não é obra de um noviço, nem apenas constitue — como a maioria dos livros de estréa, uma esperança.

Lendo-o, tem-se a impressão de que o seu autor é um poeta destinado a figurar na galeria dos maiores artistas do verso, nados em terras de Sergipe.

Na luminosa galeria, onde, entre muitos outros, brilham os nomes de Hermes Fontes e Cleómenes Campos. Resta-nos, pois, a esperança de que Passos Cabral procure tornar-se conhecido nos grandes centros literarios do Brasil, não se deixando arrastar pelo exemplo de Garcia Rosa e Artur Fortes, dois poetas de fidalga inspiração, que a estreiteza da vida provinciana não permitiu alcançassem maior notoriedade».



COMO SE ESCREVE...

MOREIRA GUIMARÃES.

II

Não se esqueça o dialogo mediante o qual iniciei o artigo anterior. Lá está o desenho, quer do escritor-inteligencia, quer do escritor-sentimento. Ha, porém, ainda, o escritor-caracter. E se o primeiro tem clareza o segundo é quem impressiona; sendo certo que ao terceiro cabe toda a beleza do estilo.

O dialogo, eis-o aqui :

— Escrevo, sabendo o que vou escrever...

— Quanto a mim, procedo mui diversamente. E' que tomo da pena, tudo ignorando. Improviso...

— Mas, como ha de improvisar quem não sabe ? Nada produz, quem tudo ignora.

E nesse dialogo, está o escritor-inteligencia, como o escritor-sentimento e o escritor-caracter.

Este resolve ; não se conserva de hesitação em hesitação. Entretanto, se não ha nada mais do que escritor-sentimento e o escritor-inteligencia, pode falecer o estilo, inda que no verbo exista, com a emoção, muita claridade. Porque a só inteligencia não basta. Nem a inteligencia, nem até o sentimento ou o coração. O carater, que empreende nesse ou naquele sentimento, corajosamente, é a alma do estilo. De maneira que estou com o nosso illustre João Ribeiro, quando emite nas *Paginas de Estetica* este conceito : «Cicero escrevia excelentemente, mas não ha estilo seu, porque é fóra de duvida que foi um mau carater e um bandoleiro politico».

A verdade é que o escritor-inteligencia se faz, naturalmente, mais claro do que o escritor-sentimento. E do que este e do que o proprio escritor-carater. Ali, porém, ainda que agrade a transparencia do verso ou da prosa, não ha senão frieza desoladora. E lá vai o encontro que se ambiciona nessa obra de arte, seja a prosa, seja o verso. Porque tudo isso é arte, não ciencia, nem filosofia.

Estou a imaginar que num caso predomina o espirito ou a inteligencia ; no outro, o coração ou o sentimento ; emfim, no terceiro e ultimo caso, a vontade, melhor direi, a atividade ou o carater, que se elabora com a coragem, com a prudencia, com a perseverança. Porque toda creatura humana se acha de posse desses attributos do cerebro: tem ela, embora em grãos diferentes, inteligencia, sentimento, carater.

Se houvera igualdade na inteligencia, o escritor mais emocionante seria o de melhor coração ; e o de mais estilo o que tivesse vontade

rigorosa, ou caráter inabalável : a um tempo corajoso, prudente, perseverante. Não ha porém, duas coisas iguais. Nem duas coisas, nem duas pessoas. E é razão que se conheça tamanha desigualdade no caráter, no sentimento, na inteligência de dois ou mais escritores.

Ora, em meio dessa desigualdade, como se ha de prever, apenas pelas funções cerebrais, a existencia do melhor escritor ? Em outras palavras, onde semelhante escritor ? No individuo de inteligência mais penetrante ? No de coração realmente formoso ? Ou, no de caráter devéras equilibrado ?

Ao certo, na creatura de mais sensibilidade artistica, um complexo em que vibra, intensamente, o ritmo da vida.

Rio, 1933.



A T A S

SESSÃO EM QUE FOI LIDO O
PARECER DA COMISSÃO RES-
PECTIVA SOBRE O PRONTUA-
RIO ORTOGRAFICO DO PROF.
SANTOS MELO.

A's 20 horas do dia 15 de Agosto de 1931, na sala da ordem dos Advogados, reuniu-se a Academia Sergipana de Letras, com a presença dos seguintes senhores academicos: Carvalho Neto, Presidente, Edison de Oliveira Ribeiro, Gervasio Carvalho Prata, Alfeu Rosas Martins, Artur Fortes, Manuel José dos Santos Melo, Manuelito Campos, Epifanio Doria, José Augusto da Rocha Lima e Pedro Sotero Machado (10). Foi lida e aprovada a ata da sessão anterior. O expediente constou de: um officio do secretario geral do Instituto Historico e Geografico de Sergipe comunicando a posse, em 8 do corrente, de sua nova diretoria; uma carta do sr. presidente da Liga Sergipense contra o Analfabetismo pedindo o pa-

trocínio da Academia para uma festa literaria em beneficio da mesma Liga. Este assunto ficou para ser resolvido na ordem do dia da sessão proxima. O sr. presidente leu uma carta do socio correspondente desta Academia sr. José de Gois Duarte, agradecendo a lembrança dos seus confrades, que deliberaram recebe-lo em sessão publica, e pedindo ser dispensado de receber tal homenagem. O sr. presidente declarou que em vista, de sua recusa pessoal e por meio da presente carta, não deviamos insistir em homenagear a este prezado e ilustre consocio. Com a palavra o dr. Edison Ribeiro, anunciou que ja estava publicado o livro "Graças e Galas da Linguagem" do ilustre sergipano dr. Laudelino Freire e requeria fosse lançado na ata dos nossos trabalhos um voto de congratulações pelo novo trabalho do dr. Laudelino Freire e ao mesmo tempo de satisfação por ter ele mencionado no dito livro ser membro da Academia Sergipana de Letras, prova do seu apreço á nossa agremiação. O dr. Carvalho Neto disse que se associava muito de coração a essa homenagem ao notavel publicista sergipano. O dr. Alfeu Rosas tambem justificou um voto de louvor ao dr. Gilberto Amado, pela recente publicação da sua obra "De eleição e Representação", pois trata-se de um nosso consocio que acaba de publicar um livro otimo, que honra a intelectualidade brasileira. Na ordem do dia foi lido o parecer da comissão designada sobre o "Prontuario Ortografico" do nosso distinto confrade prof. Santos Melo. Foi relator o dr. Alfeu Rosas. Na discussão do parecer, usou da palavra o dr. Edison Ribeiro, que se referiu elo-

giosamente á personalidade do professor Santos Melo. O parecer foi unanimemente aprovado e o professor Santos Melo agradeceu a generosidade com que foi elaborado dito parecer e as palavras do dr. Edison Ribeiro. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, Para constar eu, Pedro Sotero Machado, 2º secretario, lavrei esta ata.

Carvalho Neto

Edison de Oliveira Ribeiro secreta. ou vice.

Pedro Sotero Machado.

SESSÃO DE APROVAÇÃO DO PROGRAMA DA "SEMANA DA CRIANÇA".

A's 20 horas do dia 25 de Agosto de 1931, na sala da Ordem dos advogados, reuniu-se a Academia Sergipana de Letras, com a presença dos seguintes socios efetivos: Srs. Carvalho Neto (presidente), Edison de Oliveira Ribeiro, Manoelito Campos, Augusto Leite, Epifanio Doria e Pedro Sotero Machado (6). Não tendo comparecido o 1º secretario, o sr. presidente convidou o dr. Edison Ribeiro para servir de 1º secretario.

Foi lida e aprovada a ata anterior. O dr. Augusto Leite, relator da comissão organizadora do programa da "Semana da Criança", apresentou o

dito programa, que foi aprovado pela Mesa e autorizada a sua divulgação pela imprensa. E nada mais havendo a tratar eu, Pedro Sotero Machado, segundo secretario, lavrei esta ata, depois do encerramento da sessão pelo sr. presidente.

Carvalho Neto

Enoch Santiago

Pedro Sotero Machado.

PRIMEIRA SESSÃO DA "SEMANA DA CRIANÇA".

A's 20 horas do dia 1º de Setembro de 1931, no salão superior da Biblioteca Publica, realizou a Academia Sergipana de Letras uma sessão festiva, componente do programa da "Semana da Criança". A esta sessão, que foi presidida pelo dr. Carvalho Neto, compareceram: o exmo. Sr. major Augusto Maynard Gomes, interventor federal, autoridades federais e estaduais, exmas. familias e inumeras pessoas outras da nossa melhor sociedade e os academicos constantes do livro da porta. O dr. Carvalho Neto abriu a sessão exalçando, com eloquencia, os trabalhos da "Semana da Criança" e concluiu por dar a palavra ao exmo. sr. Interventor Federal. S. Ex. proferiu um criterioso e elegante discurso em torno da causa da criança, que estava merecendo do seu governo os mais

dedicados carinhos. Em seguida falou o benemerito clinico dr. Augusto Leite, o autor da idéa da "Semana da Criança" sob o patrocínio da Academia de Letras e diretor do Hospital de Cirurgia, que se referiu ao mesmo Hospital, á maternidade "Francino Melo" e á necessidade da construção, anexa, do "Pavilhão das Crianças. O orador pôs em grande relevo a necessidade da assistência á infancia, como a melhor e mais segura defesa da raça. Logo após, falou o dr. Bastos Coelho, diretor da Saúde Publica do nosso Estado, sobre o papel da medicina na população escolar. Coube a vez de falar ao poeta Artur Fortes que descreveu uma visita á Maternidade, salientando a missão admiravel do dr. Augusto Leite. Tambem usou da palavra o cirurgião-dentista Alvaros Barros, que fez a apologia da assistencia dentaria escolar. Ainda ocupou a tribuna Epifanio Doria que leu importante trabalho sobre a biblioteca infantil. Por ultimo falou o dr. Alfeu Rosas sobre o escotismo na escola primaria. Todos os oradores foram entusiasticamente aplaudidos pelo grande auditorio, pois que todos os discursos foram elegantes na forma e excelentes no fundo. O presidente encerrou a sessão com palavras de agradecimento á seleta assistencia, anunciando para as 20 horas de 7 do corrente a segunda sessão da Academia pró "Semana da Criança". E para constar eu, Pedro Sotero Machado, secretario, lavrei a presente ata.

Carvalho Neto

Euoch Santiago

Pedro Sotero Machado.

SEGUNDA SESSÃO DA "SEMANA DA CRIANÇA".

A's 20 horas do dia 7 de Setembro de 1931, no salão superior da Biblioteca Publica e sob a presidencia do dr. A. M. de Carvalho Neto, realizou-se a segunda sessão da Academia Sergipana de Letras em prol da "Semana da Criança". Esta sessão foi, como a anterior, festiva e teve o comparecimento do exmo. Sr. Intêrventor Federal, diversos academicos, exmas. familias, mundo official, representantes das classes conservadoras, alunos do Ginasio Pedro II, Escola Normal, Grupos Escolares, Colegios, etc., emfim uma assistencia que encheu literalmente o grande salão de conferencias da nossa Biblioteca Publica. O dr. Carvalho Neto abriu a sessão dizendo que a Academia cumpria a ultima etapa do programa da "Semana da Criança", contribuindo, — com o concurso de cientistas e outros cavalheiros pertencentes á nossa elite intelectual, — para a educação do povo quanto ao aperfeiçoamento da raça. E concedeu a palavra aos oradores da noite que, pela ordem, foram os seguintes: Desembargador Gervasio Prata, que dissertou sobre os direitos da criança no mundo; Dr. Oscar Nascimento, que falou sobre a higiene pre-natal; Dr. Lauro Hora, que se referiu aos consultorios de lactantes; Dr. Costafilho, que leu uma peça humoristica, em versos, intitulada "A Criança Revolucionaria"; Professor Franco Freire, que tratou das "Orientações da Moderna Educação Social — O medico e o Educador". Os discursos desta noite foram tão brilhantes e tão felizes como os da noite da sessão passada e, por isso,

os oradores foram imensamente aplaudidos pelo auditorio. Encerrou a sessão o dr. Carvalho Neto que fez um interessante apanhado das festas da "Semana da Criança", referiu-se ás personalidades que nelas mais se distinguiram e á colaboração eficaz do governo e de todas as classes de Sergipe, que se congregaram entusiasticamente,—notabilizando a epoca, — em torno de tão magno problema, qual o da eugenia da raça pela assistencia á infancia. As ultimas palavras do preclaro presidente da Academia foram demoradamente applaudidas. E para constar eu, Pedro Sotero Machado, segundo secretario, lavrei esta ata.

Carvalho Neto

Enoch Santiago

Pedro Sotero Machado.

SESSÃO SOLENE DE POSSE DO ACADEMICO EXUPÉRO MONTEIRO.

A's 20 horas do dia 19 de Novembro de 1931, no salão principal da Biblioteca Publica, reuniu-se solenemente a Acadamia Sergipana de Letras, afim de receber o novo academico, Exupéro Monteiro, eleito na sessão de 16 de Maio de 1931, para a cadeira Pedro de Calasans, vaga com a morte do poeta Hermes Fontes. O livro do porta acusou a presença dos seguintes senhores academicos: Carvalho Neto, presidente, J. Mauricio Cardoso,

Enoch Santiago, Augusto Leite, Alfeu Rosas, Edison de Oliveira Ribeiro, Epifanio da Fonseca Doria, Artur Fortes, Manoelito Campos, Gervasio Carvalho Prata e Pedro Sotero Machado. Compareceu tambem o academico Clodomir Silva, que deixou de assinar o livro de presença. Verificou-se ainda o comparecimento do representante do exm. sr. Interventor Federal, de outras autoridades federais e estaduais, de diversos cavalheiros e exmas. familias. Declarada aberta a sessão, foi lida e aprovada a ata da anterior. O expediente constou do recebimento de um exemplar do "Prontuario Ortografico" do academico professor Santos Melo, oferta do seu illustre autor, e da apresentação do original do livro intitulado "Elementos de Geografia Geral do Brasil" da autoria da professora D. Antonia de Figueiredo que pedia a opinião da Academia a respeito de sua obra. O sr. presidente designou uma comissão composta dos srs. Artur Fortes, Epifanio Doria e Santos Melo para se pronunciar, sobre a obra em apreço. Findo o expediente, o sr. presidente explicou o motivo da solenidade e convidou, na forma do nosso Regimento, o novo academico para ocupar a tribuna. Exupéro Monteiro, que ao subir á tribuna foi recebido com demonstrações de aplausos, começou referindo-se ao mavioso poeta luziense Pedro de Calasans, á cuja poesia se afeiçoara desde criança e passou a estudar, de maneira muito inteligente e criteriosa, a personalidade e ja obra do grande e saudoso poeta Hermes Fontes, a que lhe fôra dado suceder neste sodalicio. O novo academico prendeu a atenção do auditorio por 40 minutos, apresentando um excelente trabalho de referencia ao eminente e infeliz vate sergipano,

sendo muito aplaudido pelas pessoas presentes. Findos os aplausos, o sr. presidente declarou empossado o novo academico e convidou-o a assinar o livro de presença. Ainda o sr. presidente concedeu a palavra a qualquer academico que dela quizesse fazer uso e, como nenhum se manifestou, o sr. presidente declarou encerrada a sessão, após ter agradecido o comparecimento do representante do exmo. sr. Interventor Federal e das outras pessoas que abrilhantaram a sessão com as suas presenças. E, para constar eu, Pedro Sotero Machado, 2º secretario, lavrei esta ata.

Carvalho Neto

Epifanio Doria

Pedro Sotero Machado.



OS NOMES ACADEMICOS

General IVO DO PRADO
1860 — 1925

OS NOMES ACADEMICOS



General Ivo do Prado

Os nomes academicos

IVO DO PRADO

Filho do tenente coronel honorario Deusdedit Pires da Franca e de d. Lina Leonor do Prado Montes da Franca, nasceu em S. Cristovam a 20 de Maio de 1860. A 14 de Outubro de 1875 saiu de Aracaju para a capital da Bahia, onde esteve até 2 de Janeiro de 1878 data em que seguiu com destino á Escola de Cavalaria e Infanteria no Rio Grande do Sul, depois de ter verificado praça a 17 de Maio anterior no 16º batalhão de infantaria.

Depois de ter estado no primeiro regimento de artilheria a cavale, durante o ano de 1879, matriculou-se na referida escola no começo de 1880, aí fazendo o curso de cavalaria e infanteria, que terminou em fins de 1883, conquistando a nomeação de alferes aluno, a 8 de Março de 1884, confirmada por antiguidade a 12 de Janeiro do mesmo ano. Em 1885 voltou á terra natal para servir na antiga Companhia fixa

da província, até Janeiro de 1886, quando resolveu continuar seus estudos na Escola Militar da Praia Vermelha, onde concluiu o curso de artilheria.

Desligado em 1887 por motivos derivados de questão militar e matriculado na antiga Escola Geral de Tiro, fez ali, o respectivo curso com aprovações plenas. Em 1888 voltou á Escola Militar da Praia Vermelha, onde matriculou-se no 4º ano, fazendo o curso do Estado Maior de 1ª Classe. Desligado no ano seguinte, ficou servindo no 2º regimento de artilheria de campanha, para onde foi transferido posteriormente e nomeado secretario.

Neste posto entrou na conspiração de 15 de Novembro de 1889, que deu em resultado a proclamação da Republica. Em Dezembro desse ano foi posto pelo Governo provisório á disposição do Ministro do Interior e por este nomeado auxiliar tecnico do Governador de Sergipe, que o encarregou do comando e organização do Corpo Militar de Policia do Estado. Como representante de sua terra natal, foi eleito deputado á Constituinte da Republica, exercendo com brilho e civismo, o mandato de deputado federal de 1890-1894, pronunciando o famoso discurso em opposição ao governo do marechal Deodoro da Fonseca, a proposito da eleição do coronel Vicente Ribeiro para o cargo de governador do Estado de Sergipe. E, com a coragem civica que o nobilitava, declarou que a sua opposição ao governo do marechal iria desde o seu voto naquela casa, até a resistencia armada na praça publica.

Em 1895 foi nomeado professor e chefe do ensino de artilheria na "Escola de Sargen-

tos' no Realengo, servindo até 1897, época em que foi extinta a referida Escola.

Em Dezembro desse ano seguiu para Mato Grosso, indo servir no 2.º batalhão de artilheria de posição, onde comandou a sua bateria e e outras, interinamente: fiscalizou por duas vezes o batalhão; comandou o forte de Coimbra; serviu mais de um ano como secretario do 7.º Distrito; realizou com elogio, a montagem do Laboratorio Pirotecnico de Cuiabá, e terminou por comandar o batalhão, por espaço de 7 meses, até 30 de Dezembro de 1902, quando seguiu para a Capital Federal, atendendo ao chamado do Ministro da Guerra.

Em Abril de 1903 foi de novo para Mato Grosso em consequencia dos boatos que corriam sobre a provavel invasão de Corumbá pelas forças do General Pando. Dali voltou em Setembro seguinte por ter sido confirmado no posto de major do Estado Maior de artilheria e nomeado chefe do gabinete da Intendencia geral da guerra, onde serviu até 20 de Novembro de 1906, data em que foi nomeado assistente do chefe do Estado maior do Exercito. Comissionado pelo Ministerio da Guerra, foi em 1910 aos Estados do Norte, a começar pelo seu, afim de coligir dados para a historia militar do Brasil. Neste ano foi promovido, a 7 de Dezembro, a tenente coronel por merecimento. De 1912 a 1913 comandou, em Manaus, o 19.º grupo de artilheria de montanha, e interinamente durante cinco mesês, a 1.ª Região Militar. Ainda por merecimento foi neste ultimo ano, a 18 de Junho, promovido a coronel.

Comandou, de 1913 a 1916 em Curitiba, o 2.º Regimento de Artilheria de montada; de

1916 a 1918 serviu como chefe do Estado maior da 3ª região, que comandou interinamente por tres vezes, e de 1918 a 1921 esteve como chefe da 4ª seção do Estado Maior do Exercito e do 2º departamento da mesma repartição. Nomeado delegado do Estado de Sergipe ao Congresso de Geografia reunido em Belo Horizonte, em Setembro de 1919, desempenhou com raro brilhantismo esta comissão, apresentando uma substanciosa memoria, restabelecendo a verdadeira posição geografica do rio Real, memoria que, amplamente aumentada, teve depois a denominação de — «A Capitania de Sergipe e suas Ouvidorias».

Foi no posto de coronel compulsado em 1921, como general de divisão, por contar mais de 43 anos de relevantes serviços. Pertenceu a varias sociedades literarias e scientificas (nomeadamente) — “Emancipadora Rio Branco”, “Club Academico” de Porto Alegre “Club Militar” do Rio de Janeiro, de que foi um dos fundadores, e foi socio do Instituto Historico e Geografico de Sergipe.

Foi Ivo do Prado um dos sergipanos de mais elevado merecimento. Como militar, propagandista e um dos proclamadores da Republica, sua atuação sempre foi nobre e benefica. Politico, seu ideal colimou a autonomia dos pequenos Estados no seio da Federação Nacional. Jornalista, fez de sua pena uma arma de combate a favor da regeneração de costumes deleterios. Positivista á Comte e materialista á Buchner, tornou-se alfim teosofista, evolução espiritual explicavel pela natureza de seus sentimentos, pelas qualidades excepcionais de seu coração. Representou ainda a sua

terra natal á constituinte republicana de 1921 a 1923. Inteligente e bom, difficil seria assinalar o que nele mais se afirmou: se o talento, servido por vasta erudição, si a bondade, constatada em todos os atos de sua vida publica ou particular. E eis por que, por ocasião de sua morte, realizada no Rio, em 25 de Abril de 1924, suas exequias assumiram as porpoções de uma glorificação. Pranteou-a toda a colonia sergipana ali residente, todo o Sergipe intellectual e politico que naquele instante perdia um dos seus filhos mais illustres e a Republica um de seus mais leais e denodados defensores. Foi um *causeur* admiravel e um árguto polemista. Nós, os sergipanos, somos-lhe devedores da extraordinaria defesa dos direitos de Sergipe na secular pendencia de limites com a Baía.

O seu livro — "A capitania de Sergipe e suas ouvidorias" — é um perfeito trabalho de historiografo e cientista, pois, revivendo o passado, ele nos deu sobre o assunto a ultima palavra.

E' um livro que honra o seu autor e a terra em que nasceu.

Fundou e redigiu:

— *Correio de Sergipe*: diario politico, Aracaju, 1890-1891. O primeiro numero saiu a 12 de Setembro de 1890.

— *Jornal do Aracaju* (2º): publicação diaria. O primeiro numero saiu a 12 de Abril de 1894.

— *Brasil*. Corumbá, 1902: periodico semanal. Colaborou no manifesto politico do presidente de Mato Grosso, Antonio Pais de Barros quando foi por este assumida a chefia do

seu partido, e nos jornais "Luta", "Lábaro", "Mercantil", "Seculo", todos de Porto Alegre; "Gazeta Oficial" "Estado" e "Rebate", de Cuiabá; no "Sertanejo" e "A Patria" de Curumbá. Usou na imprensa o pseudônimo de *Julio Iapiranga*.

Escreveu :

— *Eu e o Dr. Leandro Maciel*: No "O Republicano" de 24 de Setembro de 1890.

— *Ao Eleitorado Sergipano*: manifesto politico, Aracaju, Dezembro de 1911. 5 pags. in. 8°. Não indica onde foi editado.

— *Aos meus conterraneos*: manifesto politico. No "Correio de Aracaju", e "Jornal do Povo" de 4 de Janeiro de 1921 e "Diario Oficial" do dia seguinte.

— *A Capitania de Sergipe e suas Ouvidorias*: memoria sobre questões de limites (Congresso de Belo Horizonte). Rio de Janeiro, 1919. Papelaria Brasil. VI-411 pags. in. 8°. com 44 mapas intercalados no texto, um indice e uma errata no fim.

— *Limites de Sergipe e da Baía*. Inedito.

